

Tribuna Operária

Nº 13, ANO 1, DE 1 A 17 DE MAIO DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00

Luta operária abala o governo da fome

1º DE MAIO: O POVO CONQUISTA A PRAÇA

Este ano os trabalhadores brasileiros comemoram o 1º de maio em clima de grande entusiasmo, de unidade e de luta. Além da grande manifestação programada para São Bernardo, em homenagem à greve de um mês dos metalúrgicos do ABC, realizam-se dezenas de outras. Notícias de preparativos nos chegam de vários pontos do país falando de manifestações não só nas capitais e nas grandes cidades, como também em cidades distantes do interior. No Maranhão, por exemplo, além de São Luiz, também Imperatriz, Santa Luzia e Caxias comemoram o dia do trabalhador. Diante das ameaças dos militares e das suas tentativas para impedi-las, os trabalhadores estão respondendo com uma frase que expressa sua disposição: "Na raça o povo conquista a praça".

O povo quer outro governo

Página 3

Mestres de Minas firmes na greve

Página 4

Capitão Fleury matou Marcos?

Página 2

Editorial

Operários na vanguarda pela liberdade

Fato realmente novo, e auspicioso, nestes dezesseis anos de regime militar é a poderosa greve dos metalúrgicos do ABC. Novo não pela greve em si, muitas outras já ocorreram, mas pela resistência e espírito de decisão dos grevistas, o que alterou o quadro da situação do país e colocou, concretamente, a classe operária no centro dos acontecimentos políticos. Nem a prisão de seus dirigentes, a intervenção no sindicato, a mobilização policial e militar abalaram o ânimo dos operários. Eles responderam aos atos arbitrários com coragem e maior determinação de prosseguir no combate pelos seus direitos. A greve registra, assim, um salto qualitativo na consciência dos trabalhadores e no nível de luta do povo brasileiro, ansioso de se livrar do governo autoritário e de conquistar a liberdade política a mais completa possível.

Inesperada para os generais, a firmeza dos grevistas determinou um início de crise de governo e a greve assumiu um caráter abertamente político. Dividiram-se os militares quanto aos métodos de reprimir. O Planalto defendia, ao lado das ameaças e também da repressão, o emprego de negociações como meio de confundir e dividir os trabalhadores. Outros setores militares, sobretudo em São Paulo, passando por cima das leis reacionárias e da chamada abertura de Figueiredo, recorreram diretamente ao velho esquema da violência pura e simples. Raciocinam em termos de "segurança nacional", de guerra contra o povo e por isso não admitem que os grevistas obtenham o atendimento, mesmo parcial, de suas legítimas reivindicações. Querem obrigá-los a retornar ao trabalho de cabeça baixa, derrotados.

O governo se coloca no lugar dos patrões, adota a função de super-patrão, de defensor das multinacionais, indicando o que pode e o que não pode ser concedido pelos empregadores. Desta forma, o movimento paredista transformou-se numa luta política contra o governo, contra os generais fascistas, em defesa dos interesses vitais dos operários e da liberdade política para todo o povo. E esta posição foi respaldada pelo apoio de massas, dos partidos políticos de oposição, pela Igreja e até mesmo por certos setores patronais. Vão-se delineando os dois grandes blocos em confronto na sociedade brasileira de nossos dias: de um lado, os militares reacionários, os setores retrógrados, os conservadores e o capital estrangeiro; do outro lado, a classe operária e os trabalhadores em geral, as forças populares e democráticas e todos os que se opõem à continuidade de um regime autoritário, antinacional e antipovo.

A ação brutal dos generais é uma tentativa de deter a marcha do movimento popular e democrático. Eles temem hoje, mais do que tudo, o avanço desse movimento, porque põe em risco o monopólio do poder político, em suas mãos a partir de 1964. Desde essa época utilizaram esse poder para atrair sempre mais o capital estrangeiro como única saída para resguardar os interesses das forças reacionárias. A fim de atraí-lo e obter os empréstimos, que já ultrapassam os 50 bilhões de dólares e acarretam enormes sacrifícios à nação, implantaram a política social do arrocho dos salários, da exploração desenfreada das massas, da expulsão dos camponeses da terra, da proibição das greves.

E desse modo fabricaram os milhões de menores abandonados e delinquentes, a virulência da criminalidade em aumento, a inflação galopante. O país vive todo ele em crise. Crise econômica e social, crise do ensino, crise da saúde e da previdência, crise dos transportes, crise do judiciário, crise do sistema penal e carcerário, crise da moral e da vergonha espelhada nas mordomias e na corrupção que se estendem pelos diversos escalões governamentais. E quando os trabalhadores e o povo — que são os verdadeiros donos do país — lutam pelos seus direitos e contra o regime opressor, são atacados, injuriados, reprimidos selvagememente.

Os generais pensaram conservar o monopólio do poder através de mudanças superficiais no regime, providas do alto, pré-fabricadas, envolvendo setores democráticos. Mas o povo brasileiro não se deixou enganar, e nem está disposto a suportar por mais tempo a tutela de um pequeno grupo de afeiçoados ao arbítrio e à intolerância, responsável pela grave situação que o país atravessa. Exige o fim do regime militar, a liberdade política sem restrições. E esta exigência cresce e crescerá sempre mais porque as dificuldades aumentam e não há solução, dentro do sistema atual, para os problemas que afligem a classe operária e as massas populares.

Os trabalhadores tomam a dianteira dessa luta. Constituem a força principal da oposição e indicam o caminho certo. Não será nos bastidores do Planalto nem com a conciliação que se obterá a mudança necessária. Tampouco a aspiração do povo será realizada simplesmente por meio dos embates eleitorais ou parlamentares. A questão em pauta se decide principalmente através da união e da luta de massas, como o demonstram a greve do ABC, a resistência dos plantadores de soja do sul, o enfrentamento dos camponeses com os grileiros e latifundiários, a movimentação dos estudantes em defesa do ensino e da cultura, a ação contra a carestia de vida, enfim, a mobilização das amplas forças populares e democráticas. Nesse processo se forja a frente-única, que deve ter por base a unificação dos movimentos de oposição popular e como objetivo a liquidação do regime militar, a conquista da ampla liberdade política sem leis de segurança, antigreve, de imprensa, etc., a Assembléia Constituinte convocada por um governo democrático e de unidade popular e uma nova orientação social, econômica e financeira voltada para os interesses do povo.

A greve e a resistência dos metalúrgicos são um grande passo adiante na caminhada dos brasileiros pela liberdade e pelos seus direitos. Precisamente por isso o que se exige — é a imediata libertação dos dirigentes sindicais, a revogação da intervenção no sindicato, a livre negociação entre operários e patrões, a elevação dos salários, a estabilidade no emprego e o pagamento dos dias parados por culpa dos patrões e do governo. Todos levantam a voz para protestar contra as violências praticadas em São Paulo e em outros pontos do país no afim de impedir o apoio e a solidariedade aos grevistas do ABC.

Que a força da repressão se oponha a força do proletariado e do povo unido!



Diante da igreja, cara a cara com a polícia. Mas nada abala a disposição de luta.



Os metalúrgicos do ABC chegam a um mês de greve enfrentando com tenacidade a intransigência patronal e a repressão do regime militar. Presos os líderes, a greve continuou. E causou abalo no governo, deixando-o à beira de uma crise ministerial, levando a um ponto novo seu isolamento político e abrindo novos horizontes à luta pela plena democratização. Enquanto governo e patrões só perdem, os operários sofrem privações, mas acumulam forças.

(Pgs. 4, 5 e 8).



Cena do ato público de apoio à greve, na Praça da Sé. Metalúrgicos receberam ajuda generosa dos operários e de todo o povo. Ao fundo de greve chega uma tonelada de alimentos por hora. Esta luta também despertou a solidariedade internacional.

IRÃ PEDE APOIO

CDM CONTRA AGRSSÃO IANQUE

Fundação Maurício Grabois

Fleury seqüestrou Marcos

A família de Marcos, "desaparecido" em 1970, aos 15 anos de idade, tem uma pista de seu paradeiro: ele foi seqüestrado pelo cap. Fleury.

Marcos Antônio Batista, líder secundarista em Goiânia em 1968, participante da resistência armada à ditadura depois do Ato 5, tinha apenas 15 anos de idade quando "desapareceu", dez anos atrás. Agora, porém, surgiu uma rêsia de luz que pode levar à solução do mistério.



Marcos: um mistério por esclarecer

Jogo de nervos

Na terça-feira, 22 de abril, policiais invadiram a casa da família de Marcos, armados de metralhadoras, atrás de seu irmão "Mirinho", a pretexto de busca de tóxicos. Um tipo de jogo de nervos que já se repete há muito tempo e a família conhece bem. Desta vez, "Mirinho" estava fora, participando de uma assembleia na Universidade Católica de Goiás (le é da Comissão pró-DCE) e nada lhe aconteceu. Mas sua mãe, d. Maria, jáabalada por outra provocação recente (algumas perguntas feitas por tabela por membros dos órgãos repressivos) e por dez anos de tensão, resolveu procurar mais uma vez a verdade junto a um certo dr. Laerte Chediak, médico no centro de saúde onde ela trabalha e homem sabidamente fgado aos "serviços de informa-

ção" do regime durante os anos 70.

"A nação precisava"

O dr. Laerte, pressionado, terminou confidenciando que Marcos realmente foi preso, em 1970, pelo "Grupo Fleury". O capitão Marcos Fleury, parente do famoso torturador do Esquadrão da Morte paulista, foi um dos chefes da repressão política em Goiás durante o período mais negro do fascismo (hoje tornou-se diretor geral de uma empresa, a Metago). Seu

grupo era composto ainda pelo agente Milton Mohn, por Alirio "Cabeça Branca" e outras figuras sinistras, todas implicadas em casos de tortura. Pode-se imaginar o efeito dessa revelação em d. Maria, que teve um ataque de nervos.

Travou-se então um diálogo macabro, entre o médico-torturador e a mãe do jovem "desaparecido": "Veja bem, eu não disse que ele tinha sido preso pelo cap. Fleury, disse que tinha sido o Grupo Fleury". "Mas ele era uma criança de 15 anos!" "Tinha um alto QI". "Então vocês o mataram porque ele era inteligente?" "Eu não disse que o mataram". "Mas ele está desaparecido, foi preso. O que vocês fizeram dele?" "Isso é problema da senhora". "Mas por que o senhor não avisou como prometeu na época, se o senhor colocou-se como amigo da família?" "Não contei porque a nação precisava do meu silêncio".

Nada de esquecer

Com base nesta revelação, a família de Marcos, que participa ativamente do movimento de anistia em Goiás, pretende levar o caso até a descoberta da verdade. "Isto terá desdobramento", afirma "Mirinho". "Vamos reativar a Comissão de Mortos e Desaparecidos do CBA e descobrir o que aconteceu". Abre-se assim mais um flanco para a ofensiva das forças democráticas visando apurar e punir os crimes da ditadura.



Favelados no abandono.

São Paulo: 900 favelas e 850 mil favelados

Cerca de mil favelados da Zona Leste da capital insistiram durante três horas até serem recebidos pelo prefeito Reynaldo de Barros, a quem apresentaram suas reivindicações: água, esgotos, luz, creches, reforma agrária, maiores salários e melhores condições de vida. Os representantes dos fa-

Maluf escapa dos ovos mas não das vaias

São Paulo — "Por favor, não atirem ovos podres, nem tomates, nem bananas no governador. Também peço para que deixem a mãe dele em paz". Este foi o pedido de um assessor de Paulo Maluf à população do Butantã, dois dias antes da instalação do "governo itinerante" naquele bairro da capital. Cercado por rígido aparato de segurança, desta vez o governador não recebeu ovo podre nem tomate. Mas teve de ouvir durante horas os favelados da região, em torno de 500 pessoas com muitas faixas e cartazes, gritando "Nós

queremos hospital, não queremos capital", exigindo melhores condições de habitação e medidas contra as enchentes.

Insensível aos protestos, Maluf recusou-se a falar com os manifestantes e passou o tempo a fazer promoção pessoal com vistas às suas ambições políticas e eleitorais. Tratou até da construção de uma pista para corridas de motocicleta, enquanto fechava as portas para o povo carente de asfalto, esgoto, etc... Mas não enganou os favelados, que gritavam: "Uf, uf, uf, qual é a do Maluf?"

não comparecer à assembleia que vão realizar dia 4 de maio eles voltarão em massa à prefeitura.

Segundo dados da prefeitura, na capital paulista há 900 favelados, com cerca de 850 mil habitantes. E o número de favelados cresce à média de 30 por cento ao ano. (Da sucursal)

Prefeito correu de medo do povo

Contagem, MG — "Hoje acordamos resolvidos a cobrar/ Aquele dinheiro que mandamos para cá/ Por isto, exigimos do senhor uma explicação/ Sem ela não vamos embora não". Cantando esses versos 300 moradores do bairro Industrial entraram na prefeitura de Contagem. Enquanto funcionários retiravam-se assustados, perguntavam pelo prefeito. A audiência fora marcada com dez dias de antecedência, mas ele não estava. O bairro Industrial pertence a duas prefeituras — Belo Horizonte e Contagem — e os moradores são obrigados a pagar dois impostos e não recebem melhoria de ninguém. E se não pagam para Contagem a água é cortada, se não pagam a BH, é a luz que se corta.

O problema existe há cinco anos e a Associação Comunitária vem lutando todo esse tempo, sem solução. Já foram a inúmeras autoridades e até à justiça, inutilmente. A manifestação, muito bem organizada, foi o recurso mais recente. Mas o prefeito fugiu. Dona Eva, que mora há 26 anos no local, comentou: "Acho que ele não tinha resposta para o povo e correu de medo ou se escondeu ao saber que vinha muita gente. Não

Associação das vilas

Contagem, MG — Moradores de nove das 22 vilas de Contagem reuniram-se, elegeram uma diretoria e estão lutando para não serem expulsos dos terrenos que ocupam e para que o governo lhes ceda os terrenos onde moram. Em duas das vilas, PTO e Vila São João, homens e mulheres resistiram ao despejo recusando-se a abandonar os barracos. A diretoria tem um plano de fazer um encontro das vilas de Contagem, Betim e vizinhanças, talvez no 2º semestre, para discutir o problema de habitação. E programou o encaminhamento de um abaixo assinado para exigir as terras. (Da sucursal)

Programa popular

Esperantinópolis, MA — O povo do município está aderindo ao PMDB, mas para defender seu programa próprio, feito em cima dos problemas e das lutas da gente simples do lugar. Organizou-se ali a Tendência Popular, que aprovou um Programa de Trabalho bem concreto.

O documento denuncia que o povo vive na miséria, com suas terras sendo invadidas, e sofrendo desrespeito, pois as autoridades só defendem os grileiros. Mostra que as autoridades municipais, estaduais e federais estão de braços dados com os poderosos. E conclama: "Precisamos lutar por nossos direitos de permanecer na terra, coleta livre de coco babaçu, moradia, preço para nossa produção; salário justo e acima do custo de vida; melhoria de ensino; liberdade política para o povo ter o direito de participar sem precisar ter medo; governo onde o povo tenha voz e vez para mudar o sistema de injustiça".

"Para isso — finaliza o programa — precisamos unir todas as forças para podermos derrubar o regime militar de Figueiredo, para que surja um governo democrático". (Da sucursal)

Pela cultura da classe operária

São Paulo. Vem de ser fundado na capital paulista o Centro de Cultura Operária, entidade sem fins lucrativos, que visa promover debates, conferências, divulgar livros e outros materiais de interesse dos trabalhadores. O ato de lançamento do Centro, realizado no Teatro Célia Helena, contou com a participação de 350 pessoas, inclusive dirigentes de sindicatos, entidades e movimentos populares e democráticos.

operário e popular tomaram a palavra, destacando a importância da criação do Centro e a necessidade das classes exploradas formarem seus próprios canais de expressão. A idéia que norteia a nova entidade é contribuir para a vinculação entre o poderoso movimento atual dos trabalhadores e as idéias do socialismo científico. Falaram também José Duarte e João Amazonas, dirigentes operários de longa data, que foram calorosamente aplaudidos pela platéia.

A reunião elegeu a diretoria do Centro, cujo presidente é um operário metalúrgico de Osasco, Vital Eustáquio. Após a abertura, feita por Antônio Barbosa Neto, diversos ativistas do movimento

A diretoria eleita decidiu homenagear o velho combatente da classe operária Diógenes de Arruda Câmara, recentemente falecido, batizando a gestão com seu nome.

Operários da Fiat contra desemprego

Rio de Janeiro — Desde o início do ano já foram demitidos mais de 300 operários da Fiat, muitos deles companheiros combativos que participaram da greve vitoriosa do ano passado. Dia 19 de abril, 200 trabalhadores participaram de uma assembleia em que decidiram iniciar a resistência contra as demissões. Um operário contou que dois companheiros, membros da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) foram demitidos recentemente. "Mas através de nossa pressão foram readmitidos. Agora outro companheiro acaba de ser mandado embora". (Da sucursal do Rio)

E. Santo propõe movimento nacional antinuclear

Vitória - ES — Organizado em grupos de trabalho com sindicatos, estudantes secundaristas e comunidades eclesiais de base, o Comitê Capixaba contra a Implantação da Usina Nuclear, após uma manifestação pública reunindo dez mil pessoas, em novembro do ano passado, continua realizando palestras nos bairros da Grande Vitória denunciando o Acordo Nuclear Brasil Alemanha e os malefícios da pretendida implantação de uma usina de reprocessamento de urânio no município de Afacruz. Durante as reuniões, o Comitê faz circular também um abaixo assinado que deverá somar 100 mil assinaturas, para ser entregue em data oportuna ao general Figueiredo.



Alunos da UNIFOR, em greve até a vitória

Quase 2 meses em greve

Fortaleza, Ce — Desde o início de março os estudantes da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) estão em greve em protesto contra o elevado aumento das anuidades. O Ministério da Educação reconheceu que havia autorizado um aumento acima do que estava determinado, de 59,8%, quando deveria ser de 46%. Os estudantes, porém, consideraram essa taxa ainda muito elevada e decidiram continuar em greve. Essa decisão foi tomada com a oposição dos colegas que defenderam para a UNE a chapa "Unidade". Eles consideraram a taxa de 46% como uma vitória e propuseram em assembleia o retorno às aulas.

Foi formado um comando de greve. Mas, devido à posição do pessoal da "Unidade" e dos outros que se opunham à greve, realizou-se um plebiscito, presidido pelo cardeal dom Aloisio Lorscheider. 2.957 alunos votaram a favor da greve e 1.954, contra. E a decisão dos estudantes foi não aceitar nada além de 35% de aumento, ou 46% congelados até o fim do ano. Enquanto aguardavam resposta da fundação mantenedora os estudantes realizam shows, manifestações, passeatas para os quais contam com todo apoio do DCE da Universidade Federal. (Da sucursal de Fortaleza)

Café era ilusão: aumentou miséria

Vitória da Conquista, Ba — Trabalhadores rurais desta região entregaram uma abaixo assinado, com 2 mil assinaturas, ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais local solicitando a convocação de uma assembleia para propor a celebração de um contrato coletivo de trabalho entre os trabalhadores rurais do café e os fazendeiros. O início da plantação de café na região provocou muita esperança. Mas logo os trabalhadores viram que sua situação piorou, foram submetidos a condições desumanas. Agora, no cafezal, as mulheres e crianças trabalham a mesma jornada diária que os homens e recebem metade do salário. Não existe um salário único na região e isto facilita a exploração. Há fazendeiros que concorrem entre si, oferecendo um

cruzeiro a mais por lata de café ou televisão à noite no pátio da fazenda.

Os trabalhadores esperam que a assembleia seja convocada no início da safra, pois nesse período há maior procura de trabalhadores para a colheita do café. As suas reivindicações são, entre outras: diária mínima de 200 cruzeiros; equiparação do salário das mulheres aos dos homens; para os menores, direito de frequentar escola; melhores condições de trabalho; carteira assinada; pagamento das horas extras e feriados; décimo terceiro salário etc. Os trabalhadores estão dispostos a recorrer à CONTAG, em Brasília. Mas esperam que o sindicato local seja capaz de ajudá-los na luta contra essa brutal exploração. (Da sucursal).

Se o preço não compensar agricultores não vão colher cana

Piracicaba, SP. Os fornecedores de cana da região, uma das principais áreas canavieiras do país, estão ameaçando não cortar a safra deste ano se não conseguirem um preço que compense. O preço pago nas últimas safras não foi suficiente nem para cobrir os gastos de produção. Isto fez com que os fornecedores, na maioria pequenos produtores, dependam cada vez mais dos bancos. Essa situação empobrece os agricultores e impede que eles plantem outra coisa que não seja cana, pois não há garantia de financiamento para outros cultivos. O fornecedor fica amarrado à monocultura e é obrigado a vender

a safra pelo preço que o governo mandar, para poder pagar os financiamentos. Apesar dessa situação já existir há algum tempo, hoje as coisas chegaram num ponto em que, se não for conseguido um preço significativo por tonelada de cana, a expulsão dos proprietários de suas terras será um fato consumado. Os fornecedores estão ameaçados de transformar-se em bóias-frias, como já aconteceu com vários. Por isso eles estão se reunindo e discutindo formas de luta. No início do movimento, encontraram resistência da parte da Associação dos Fornecedores, que achava prematura a discussão e tentou

impedi-la de todas as formas. Mas os lavradores não recuaram, continuaram as reuniões e fixaram seu preço: 925 cruzeiros por tonelada. Em vista do avanço do movimento, a diretoria da Associação elevou o preço, que na última safra foi de 384 cruzeiros, chegando a 870 cruzeiros. Foi decidido que ninguém vai cortar cana se o preço não for este. No fundo, está em jogo a própria existência da pequena propriedade. Não é uma luta da região de Piracicaba, mas de todo o Brasil, onde as condições de existência do pequeno proprietário rural tornam-se cada vez mais difíceis. (Da sucursal)

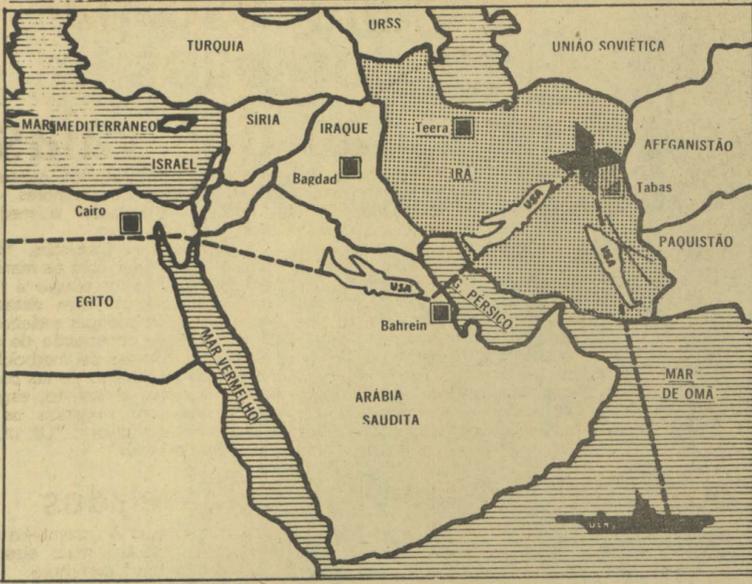
Vitória do povo de Galo Duro

Bacabal, MA. — Foi preciso muita luta, muita coragem, mas as 57 famílias de moradores do lugarejo de Galo Duro conseguiram ficar morando nas terras que habitavam há quarenta anos. Contaram com a ajuda dos bispos de Bacabal, de padres, advogados, da CPT, Fetaema e comunidades da paróquia. Mas deveram sua vitória principalmente à sua luta. Um compadre do patriarca das famílias vendeu parte da terra a Rupert Macieira, da Bapesa. Ele cercou as terras, mas o povo derrubou. Cercou de novo, com polícia e capangas. O povo derrubou outra vez e queimou a cadeia do local. A juíza do lugar no início deu ganho de causa aos trabalhadores. Mas depois arquivou o processo e se acumpliciou com o grileiro. Afinal, o Tribunal de Justiça deu ganho de causa aos moradores. Foram vitoriosos apesar de uma campanha para tentar provar que o povo de Galo Duro era agitador e subversivo. A firmeza do povo derrotou todas essas conspirações. (Da sucursal).



Tribuna Operária
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar.
Endereço da Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista, São Paulo, Capital - CEP 01325

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA
Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.
ASSINATURA ANUAL DE APOIO
Nome:
Endereço:
Bairro:
Cidade:
Estado:
Esteor remetendo um cheque de Cr\$ 500,00 para Editora Anita Garibaldi Ltda. Banco Itaú Agência Caixa Postal N° 03154, São Paulo - Capital.



Agressão ao Irã desmascara Carter

A tentativa americana de invadir militarmente o Irã deu num fiasco. Mas mostrou do mesmo modo o belicismo dos EUA.

Nada indica que os Estados Unidos aprenderam alguma coisa com o vexame da agressão militar frustrada no dia 25. Dois dias depois o chefe do Pentágono, Harold Brown, e o conselheiro de Jimmy Carter, Zbigniew Brzezinski, apareceram na televisão para dizer que "de modo algum deve excluir-se uma nova ação militar".

Provocações na TV

Brzezinski falou na possibilidade de "uma ação mais apoiada". Quer jogar no fogo os aliados dos norte-americanos, Europa Ocidental e Japão. Mas já adiantou, numa ameaça nada velada: "Não vamos ficar muito tempo de braços cruzados". Brown disse praticamente a mesma coisa, gabando-se de uma suposta superioridade militar dos Estados Unidos sobre o Irã, como se já tivesse esquecido o que aconteceu na guerra contra os "inferiores" vietnamitas.

Logo no dia seguinte o secretário de Estado de Carter, Cyrus Vance, tido como menos belicista, deixava seu cargo. Outro mau sinal.

O imperialismo é a guerra

A ação americana tem sido chamada no mundo inteiro de "estúpida", "imbecil", "desastrada", "inconveniente" e todo tipo de qualificativos pouco elogiosos. No meio de tudo nem sempre fica realçado que ela foi uma agressão militar, imbecil e desastrada, mas em primeiro lugar uma agressão a um país independente e soberano. Com ela, caiu por terra toda a "choradeira de Carter sobre a tragédia dos pobres reféns americanos em Teerã. Evidenciou-se que os Estados Unidos continuam a ser campeões de violação das normas do direito internacional para atender a conveniências próprias.

E como agora os assessores de Carter aparecem falando que não vão ficar "de braços cruzados", pode-se imaginar que os Estados Unidos tratarão de fugir para a frente, rumo a novas aventuras agressivas. Não por questão de amor próprio, nem apenas porque Jimmy Carter quer reeleger-se presidente e para isso precisa

colocar o Irã de joelhos. A ameaça de agressão é real porque os Estados Unidos da América são uma potência imperialista, e o imperialismo traz a guerra no sangue, é incapaz de viver sem ela. A revolução iraniana afetou a fundo os interesses das multinacionais e do governo americanos, que não perderam a esperança de aproveitar as debilidades do novo regime de Teerã, de forma a desestabilizá-lo. Os reféns entram na história apenas como desculpa, ou melhor, como vítimas.

Reações no mundo

A reação internacional aos acontecimentos do deserto de Tabas é sintomática. A União Soviética atacou o que chamou de "raid pirata", mas com certo cuidado, pois ali pertinho, no Afeganistão, estão as tropas soviéticas de ocupação desenvolvendo uma agressão igualmente indefensável. Quem tem telhado de vidro não joga pedra no vizinho. Já a China "lamentou" o ocorrido, aconselhando seus parceiros norte-americanos a serem mais habilidosos de outras vezes. Os países membros da OTAN e o Japão já haviam se alinhado com os Estados Unidos, embora discretamente, mesmo no caso da Inglaterra e da Alemanha Ocidental, que são mais afoitas. Todos estão de olho no petróleo iraniano e optaram pelo caminho das pressões econômicas. Se torceram o nariz para o desastre de Tabas, foi porque julgaram a ação inoportuna, mais ainda porque não deu certo e foi feita sem consulta prévia a eles.

Ameaça aos povos

Mas a crise entre os Estados Unidos e o Irã não interessa apenas aos estadistas das grandes potências. Interessa também aos trabalhadores e aos povos do mundo. O Irã, ameaçado de agressão por ter desafiado a superpotência americana, pede solidariedade à sua luta. Mais uma vez os povos são chamados à ação para defender seu direito à autodeterminação e à independência.

trabalhadores) e dezenas de casas destruídas, os mineiros conseguiram que várias de suas exigências fossem atendidas, embora algumas parcialmente. Os trabalhadores receberam o aumento salarial de 20% retroativo até o mês de janeiro e um bônus anual equivalente a quatro salários.

O regime sul-coreano foi obrigado a negociar, contra seu estilo usual, movido pelo medo de uma resistência encarniçada que poderia se prolongar por muito tempo dentro das minas.

Depois que o tradicional tirano de Seul, Pak Chung Hee, foi assassinado num golpe palaciano alguns meses atrás, os novos governantes procuram comportar-se como "moderados". Agora seu reinado foi colocado em xeque. E justamente pela classe operária, que hoje já tem um peso considerável tanto no Sul como no Norte da Coreia, e começa a fazer ouvir sua voz.

são dos trabalhadores; a censura e perseguição de toda dissidência em todos os campos da expressão artística, intelectual e científica.

A Anistia Internacional, a CNBB brasileira, a Comissão Interamericana dos Direitos Humanos, a Comissão dos Direitos Humanos da ONU e entidades de diversos países europeus constatarem e comprovaram esses crimes. Para sua divulgação contribuiu a heroica mobilização e atuação de milhares de familiares de detidos, presos e desaparecidos. O movimento "Familiares de presos e desaparecidos por razões políticas" está fazendo passar um abaixo-assinado exigindo que a ditadura argentina preste contas dos desaparecidos, entre os quais há três brasileiros, e atenda aos mais elementares direitos democráticos no caso dos presos.

Governo democrático e de unidade popular

A oligarquia militar e entreguista que monopoliza o poder encontra resistência crescente.

O movimento operário, no centro da situação política, aponta o caminho: governo democrático e de unidade popular.

A abertura do general Figueiredo vai mostrando sua verdadeira cara. É uma tentativa de adaptação do regime à nova situação internacional e nacional. A mudança da tática do imperialismo diante da crise, o agravamento em todos os terrenos da situação do país e, sobretudo, a resistência popular obrigam o regime a reformar-se.

O regime militar vai, assim, cedendo lugar a um novo regime. Já não usa o terror fascista, embora mantenha de reserva o aparato repressivo. Seria incorreto negar que está havendo uma modificação. Mas não é uma mudança de qualidade. Não passa a ser um regime democrático, continua mantendo as liberdades sob controle. E errôneo pensar que esteja havendo um retorno ao regime anterior ao golpe. O que ocorre é uma adaptação ao atual desenvolvimento do sistema imperialista e, em particular, do capitalismo no país.

Oligarquia militar e imperialista monopoliza o poder

Este regime que vai surgindo não é fruto do debate e do acordo entre os diversos setores da classe dominante. Está sendo imposto, de cima para baixo, com a ajuda do imperialismo, por uma oligarquia que monopoliza o poder com participação destacada das Forças Armadas. Mantém no fundamental o projeto capitalista implantado com o golpe, dependente em relação ao capital internacional.

A reforma partidária faz parte desse projeto, tendo criado o PDS para sustentar as posições do governo no parlamento, mas sem capacidade para intervir nas decisões e colocando limites para impedir a livre organização popular, impedindo em particular a organização política da classe operária. Os próximos passos serão a alteração da lei Falcão "e não sua revogação", o estabelecimento do voto distrital, visando assegurar a maioria ao governo nas eleições. E, por fim, alterações secundárias na Constituição sem a prévia eleição de uma Assembleia Constituinte.

Ao manter a orientação entreguista e antipopular de seu modelo econômico o governo provoca o agravamento das condições de vida da maioria da população: inflação de 83%, desemprego, luta pela terra, dívida externa de 56 bilhões de dólares.

Diante desse quadro, em que a crise vai se tornando clara para todos, os diversos setores sociais procuram apresentar

soluções. E como os generais insistem em manter sua orientação a todo custo, até mesmo nas classes dominantes acentuam-se contradições. Mesmo nas Forças Armadas surgem brechas. O afastamento do general Serpa, que "ousou" criticar o entreguismo; os atritos cada vez mais graves com a Igreja; a substituição do antes todopoderoso ministro Henrique Simonsen; as pressões para a substituição de Murilo Macedo e até mesmo de Delfim Netto são exemplos que vão se avolumando.

Levantam-se também os defensores do endurecimento. É uma ameaça que deve ser levada em conta, apesar de ser uma solução que em prazo relativamente curto poderia levar a uma luta desfavorável aos golpistas. A repressão ao movimento grevista do ABC, com a prisão arbitrária de vários líderes sindicais, orientada diretamente pelo 2º Exército, à revelia do governo federal, é um sintoma de como estes setores procuram impor suas soluções.

Tudo isto conduz hoje a uma situação de instabilidade política. Alguns já apontam a possibilidade de uma crise de governo. O senador Tancredo Neves prega uma "união nacional" para salvar o país. A classe operária, com sua luta crescente, apresenta outro rumo: não quer salvar e nem reformar o regime, mas substituí-lo por outro, que garanta, de imediato, plena liberdade política ao povo.

Movimento operário no centro da situação política

Se o governo se envolve cada vez mais em dificuldades, o movimento popular vai ganhando força. Vai se pronunciando de forma independente, revelando um avanço político. E o que demonstram a combatividade da classe operária com a greve dos metalúrgicos do ABC e a ampliação do movimento de solidariedade a eles em todo o país, que colocaram o movimento operário no centro de conjuntura política atual. E as lutas camponesas por todo o interior, muitas vezes assumindo formas radicais. Os estudantes, professores, intelectuais também participam de forma mais decidida. Apesar de ainda não se contar com uma organização que abranja o conjunto desses movimentos, vai se formando uma opinião comum em torno de certos objetivos, que pode expressar-se em um programa de unidade popular.

A luta pelo não-pagamento da dívida

Brizola puxa PTB para a direita

Uma ruidosa vaia acompanhou o discurso do intelectual Moniz Bandeira, representante do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), na manifestação de solidariedade aos grevistas do ABC, na Praça da Sé, em São Paulo, na noite de 24 de abril. Ele não conseguiu concluir seu discurso. Manifestação sectária de uma parte dos manifestantes, certamente. Mas também consequência da política levada à prática pela liderança do PTB.

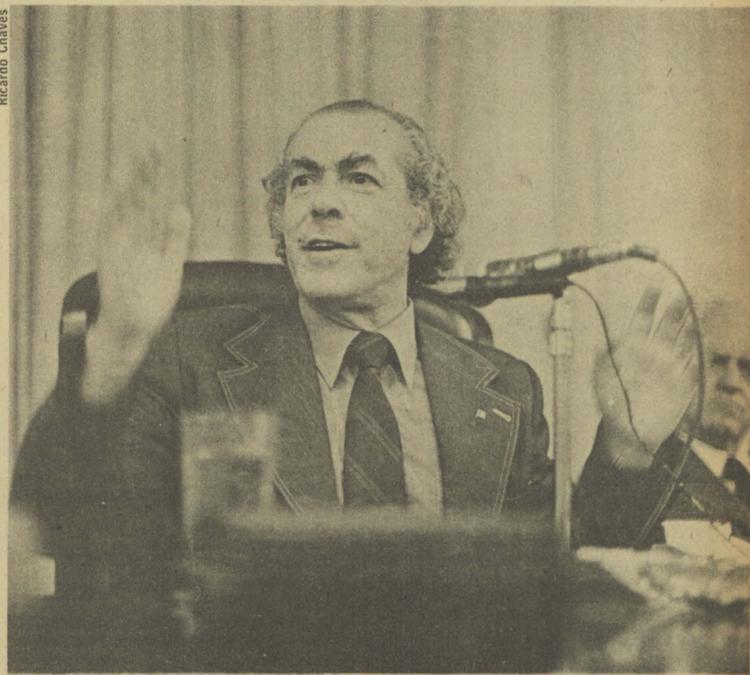
Ainda dois dias antes o líder máximo do PTB, Leonel Brizola, atribuía às "correntes de esquerda" as dificuldades para implantação de seu partido após seu retorno do exílio. Na mesma ocasião elogiava o general Figueiredo e dizia que "ele possui um grande espaço aberto para o seu projeto de abertura política, se quiser ser sensível às aspirações do povo". Dava, assim, apoio ao governo no mesmo momento em que este intervinha nos sindicatos de metalúrgicos do ABC, prendia líderes sindicais e reprimia os trabalhadores, em que em todo o país se levantavam protestos contra essas violências e se desenvolvia um movimento de solidariedade sem precedentes aos grevistas, que isolou ainda mais a oligarquia que monopoliza o poder.

Não por acaso, no mesmo dia, o deputado federal Getúlio Dias, do PTB, e seguidor de Brizola, declarava da tribuna da Câmara que "setores importantes da oposição, entre os quais me incluo, entendem que o presidente Figueiredo vem cumprindo suas promessas de fazer do país uma democracia". Logo após o líder do PTB na Câmara, deputado Alceu Colares, dava entrevista à imprensa desautorizando o teor da manifestação de Dias, que fora recebida com significativo silêncio por parte dos parlamentares dos partidos de oposição e certamente causara insatisfação em setores do PTB não comprometidos com a conciliação.

Postura colaboracionista

Em vez de criticar as "correntes de esquerda" pela impopularidade de seu partido, o ex-governador gáuchopoderia facilmente encontrar a causa dela na postura colaboracionista, com o governo que na prática ele adota, sem levar em conta a disposição oposicionista de parte considerável de seus integrantes e deixando de lado os posicionamentos constantes do programa do partido.

Assumir posições como estas no exato momento em que o governo militar pisoteia o direito da greve, violenta a autonomia sindical, aplica a lei



Brizola: distante dos trabalhadores

antidemocrática de segurança nacional e viola, no ABC, o artigo 153 da Constituição, que garante a liberdade de reunião, traduz um distanciamento profundo dos interesses dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, assumir que tal governo vem construindo a democracia simplesmente transforma em letra morta a defesa da convocação de uma Assembleia Constituinte.

Em que pese haver setores dentro do PTB que buscam de fato uma política oposicionista mais consequente, têm ou não razão os trabalhadores e amplos setores populares de desconfiarem desse partido, que se diz dos trabalhadores?

Programa reformista

Dizer que Brizola está à direita do programa de seu partido não quer dizer que esse programa seja uma alternativa consequente para a luta da classe operária e de nosso povo. Pois é um típico programa reformista e conciliador, assentado na perspectiva da via eleitoral, que lança o PTB como candidato à administração — ou administração — do Estado capitalista dependente.

externa, pela reforma agrária, pela livre organização partidária e sindical, por uma central única de trabalhadores, pelo direito de greve, pela defesa da Amazônia, pelo monopólio de pesquisa e exploração de todos os recursos naturais do país e por um governo de ampla liberdade, que convoque uma Assembleia Constituinte, são pontos que hoje unem os mais amplos setores. Através da união, do debate desde as organizações de base, talvez se possa chegar a um congresso dos movimentos populares e formular um programa de unidade popular.

Por um governo democrático de unidade popular

Além de combatividade, a política da classe operária necessariamente precisa ser ampla, para isolar e atingir de forma concentrada o alvo. A frente única que vai se formando tem como centro a unidade popular — a classe operária, os camponeses e demais setores populares — mas abrange também amplos setores democráticos. Até mesmo setores vacilantes da oposição liberal. E não pode descartar a possibilidade mesmo de acordos momentâneos com outras áreas que, devido ao agravamento da situação, entrem em choque com o regime militar. Nisso se inclui a ampliação da luta na frente parlamentar, embora não seja sobre os atuais partidos legais que se possa basear a frente única contra o regime.

Na medida em que esta situação política amadurece, vai pondo na ordem do dia a queda deste governo de fome, repressão e entreguismo e sua substituição por um governo democrático de unidade popular. A composição desse governo vai depender, evidentemente, da correlação de forças que for se criando no decorrer da luta e da profundidade da crise em gestação. A classe operária, avançando no seu grau de consciência e de organização, pode desempenhar um papel destacado. Como os objetivos do proletariado vão mais adiante, sua atuação, consequente abrirá uma nova etapa na vida de nosso povo, a construção de uma democracia popular em marcha para o socialismo. Para tanto, não basta proclamar os objetivos gerais. Trata-se de ser firme nas tarefas imediatas ao mesmo tempo em que se aponta o caminho do futuro. Isto é, defender na execução dos objetivos democráticos imediatos o futuro socialista. (Rogério Lustosa).

Contra a ditadura argentina

Os mineiros de carvão de Sabuk, 128 km a sudeste de Seul, na Coreia, realizaram na semana passada uma das mais importantes greves da história do país. Cerca de 3.700 trabalhadores ocuparam as minas e a sede do sindicato, acusando seu presidente, Lee Jaeki, de traição e de haver sido eleito por meio de manobras. O pelego Lee aceitou um aumento salarial de 20% à revelia dos mineiros, que reivindicam 40%.

Decididos a resistir, os mineiros ergueram barricadas e armaram-se com centenas de fuzis obtidos na delegacia de polícia de Sabuk. Iniciavam assim o que seria considerada como "a mais violenta ação da classe trabalhadora já registrada no país", segundo declarações das autoridades sul-coreanas.

Após cinco dias de greve e violentos choques com as forças repressivas, que terminaram com a morte de um policial, cerca de cem feridos (70 policiais e 30

Grevistas resistem à bala

No momento em que o general Figueiredo arruma as malas para visitar a Argentina, os democratas brasileiros protestam contra essa atitude de apoio do governo à sanguinária ditadura militar fascista da Argentina. As organizações "Homens e Mulheres do Brasil" estão divulgando uma denúncia do que consideram "uma das mais brutais, maciça e indiscriminada violação dos direitos humanos e das liberdades democráticas mais elementares que ocorrem em nossa América Latina".

Protestam contra "o confinamento, em campos de concentração, de mais de 15 mil argentinos, sobre os quais as autoridades se negam a dar informação; a existência de 4 mil presos por razões políticas e sindicais; a tortura e o assassinato como prática cotidiana; uma legislação que cerceia os mais elementares direitos de organização e expres-

No plano econômico, ele prevê que "a presença e ação do capital estrangeiro deverão ser disciplinados" apenas. E apresenta uma perspectiva limitada da reforma agrária. A pretensão de ser um partido dos trabalhadores mas, ao mesmo tempo, colocando-se como expressão de várias classes, inclusive de setores da burguesia, evidencia a conservação do velho ranço populista do PTB getulista; instrumento burguês da manipulação da classe operária e outros trabalhadores. Populismo que se reafirma ao longo de detalhadas proposições do programa tão bem sintetizadas no compromisso de servir um litro diário de leite gratuito a todas as crianças até dois anos de idade, exemplo raro a demonstrar como o PTB não vai às raízes dos problemas, mas se propõe à política do tapa-buracos, dos panos quentes. Em outras palavras, é um partido do reformismo e do populismo, tão de acordo com o espírito da 2ª Internacional Socialista, que hoje administra o capitalismo monopolista da Alemanha e da Inglaterra e que arrastou para trás a revolução portuguesa de 25 de abril de 1974. (Carlos Azevedo)



Na assembleia os professores mineiros receberam apoio dos estudantes e da população à sua greve. Ao lado, Luiz Soares, presidente da UTE.

Em Minas, a greve dos professores

No dia de Tiradentes, Ouro Preto foi transformada em praça de guerra por 2 mil policiais, para receber Figueiredo e impedir uma manifestação dos professores mineiros. Começou assim a greve que já paralisou as aulas em 74 cidades do Estado.

A greve começou no dia 22 e no mesmo dia foi declarada ilegal. Houve várias prisões e um diretor da União dos Trabalhadores do Ensino (UTE) está ameaçado pela Lei de Segurança Nacional. "Este ano a campanha de opinião pública desencadeada pelo governo é muito mais forte que no ano passado", comenta Luis Soares, presidente da UTE, referindo-se às mentiras sobre o movimento veiculadas pelos órgãos de comunicação. Mesmo assim, a paralisação atinge 85% das escolas de Belo Horizonte, todas as escolas de municípios vizinhos com Contagem, Pedro Leopoldo e Nova Lima e praticamente todas as cidades de certa importância no Estado.

Organização evoluiu

Os professores querem 104% de aumento sobre o ano passado e efetivação de todos os contratos (garantindo vagas na rede oficial de ensino). E não estão dispostos a repor as aulas perdidas na greve. Em relação ao ano passado a organização evoluiu. A UTE-MG (survida na paralisação de 1979) tem hoje 50 sedes no interior, onde cada cidade maior coordena o trabalho em sua área. Em Belo Horizonte, regionais estão se encarregando das assembleias

por escola e reuniões com os pais. O Comando de Greve é constituído pela diretoria da UTE, mais representantes das regionais.

Dispostos a prosseguir

Por isso, o movimento tem resistido com êxito às prisões, à campanha de difamação, à autorização do governo estadual para as diretorias dispensarem todos os grevistas e contratarem novos professores. Os pais nem sequer mandam seus filhos à aula, uns por medo, outros para ajudar a greve. E as investidas repressivas tornam ainda mais popular o movimento, que passa a ser visto como um desafio ao desmoralizado governador Francelineo Pereira. "Na terra de Tiradentes não há lugar para Francelineo" dizem os mineiros, enquanto torcem pela greve que adotou como patrono o mártir da independência.

Resta saber se os professores mineiros conseguirão repetir a proeza do ano passado, quando realizaram uma greve que ficou na história como exemplo de decisão e perseverança, paralisando as aulas nas escolas de 400 cidades e funcionando como carro-chefe do movimento grevista no Estado, inspirando e encorajando as lutas de várias outras categorias. (Da Sucursal de Belo Horizonte)

Greve nos estaleiros?

Diante da intransigência dos patrões, os operários navais de Niterói e Itaboraí estão dispostos a ir à greve.

Apesar do boicote do presidente do sindicato, os operários metalúrgicos navais de Niterói e Itaboraí, liderados pela oposição sindical, conseguiram mobilizar-se para lutar por seus direitos. Assim, o sindicato não convocou os trabalhadores para as assembleias, mas eles vieram em número crescente. No dia 14 de abril, 800 trabalhadores participaram. E no dia 25, a participação foi ainda melhor: 3.500.

Foram firmadas as reivindicações, várias delas para recuperar conquistas perdidas após o golpe militar de 1964: São: 15% de produtividade acima do INPC; piso salarial de 8 mil cruzeiros; semana de 40 horas; insalubridade de 35% sobre o salário base; triênio de reajuste de 5%; quinquênio com reajuste de 3%; volta do quadro de carreira; direito a condução; estabilidade no trabalho; direitos iguais para trabalhadores de empreiteiras etc.

Na segunda assembleia foram examinados os resultados das negociações com os patrões. Abdias, membro da comissão de salários e que faz parte da oposição sindical, disse: "Nunca fui tão humilhado numa negociação. Nós temos duas alternativas agora: ou a gente volta para casa de cabeça baixa ou enfrenta a situação até as últimas consequências". Outro trabalhador acrescentou: "Nas negociações só recebemos não. Mas o sim não vem de graça. Ele vem de suor e do sangue que deixamos dentro da empresa. O sim vem da nossa luta".

Diante da contraproposta absurda dos patrões, parcela significativa dos presentes propôs a imediata decretação da greve. Mas a decisão final foi fazer operação-tartaruga, suspender todas as horas extras e aguardar nova proposta



Assembleia pela greve

patronal até dia 29, para então decidir sobre a greve.

Oposição sindical

Em entrevista à Tribuna, membros da oposição sindical disseram que os metalúrgicos de Niterói têm sido muito prejudicados em sua luta pela atuação do presidente do sindicato, que age como um ditador e impede a comunicação com as bases. Mas, apesar disso, a oposição sindical tornou-se mais madura. E, embora enfrentando grandes dificuldades, está conseguindo comunicar-se com os companheiros nos estaleiros e ajudá-los na mobilização para a luta.

A oposição sindical quer acabar com a ditadura patronal do presidente do sindicato e colocar de novo a entidade a serviço do trabalhador. E, como disse um dos seus membros: "nosso movimento empolga qualquer homem que sonha com a liberdade, com a autonomia do sindicalismo, onde os trabalhadores decidam como uma entidade de classe, uma organização deles, sem a tutela, o paternalismo do Ministério do Trabalho".

O sindicato mudou

No ano passado já houve uma paralisação dos ônibus de São Paulo, e vitoriosa. Mas na ocasião os motoristas tiveram de enfrentar a furiosa oposição do interventor, que chegou a fechar as portas do sindicato na cara do Sindicato. Agora a situação é outra. O Sindicato está nas mãos de uma nova diretoria, eleita com muita luta e comprometida com os interesses dos motoristas e cobradores. Tanto que os patrões já correram ao ministro do Trabalho,

Ônibus podem parar

Cinco de maio é o "dia D" da campanha salarial dos motoristas e cobradores de ônibus de São Paulo. Eles reivindicam aumento salarial de 2 mil cruzeiros além do INPC, sem aumento do preço das passagens. Os patrões querem 7%, com aumento. Se não houver acordo, a categoria (80 mil trabalhadores) promete parar a cidade, com uma greve geral.

A decisão foi tomada no dia 25, numa assembleia que reuniu 1.500 trabalhadores. Todos os oradores, com uma única exceção, falaram a favor da paralisação no caso dos patrões se mostrarem intransigentes. O único que falou contra, "para não acontecer como os metalúrgicos", foi tão vaiado que o presidente do Sindicato teve de inter-

ferir, pedindo ao plenário que o deixasse falar. E o Comando de Mobilização dos Motoristas de Taxi de São Paulo, presente na assembleia, prometeu parar táxi junto com os ônibus, se for o caso.

Em frente, operários, o povo está com vocês!

"O que tem de sacaria empilhada... parece que não acaba mais!" Os olhos do grevista brilham de alegria e confiança. Enquanto isso, a assembleia de S. Bernardo ouve os números do Fundo de Greve. Entre os dias 14 e 23, 6.400 famílias receberam 104 toneladas de alimentos. Dois dias depois já são 148 toneladas. Para 9.600 famílias. "Com a intervenção começou a vir horrores de ajuda", conta uma jovem ativista do Fundo de Greve, 20 anos de idade, seis de fábrica.

"Quem vai ser contra?"

"Quem vai ser contra esta greve?" A pergunta é de um dos 10 mil manifestantes que encheram a praça da Sé na noite de 24, um metalúrgico de São Paulo. "Os operários estão passando fome, o governo tratando pobre igual a animal". Um cobrador, ao lado, concorda: "O Brasil deste jeito não dá. Tem de ir todo mundo à greve". Adiante, um tecelão, ex-metalúrgico, explica porque está ali: "Eu cheguei só para ver o apoio do povo à greve e ao nosso amigo Lula". Um alfaiate, que passou casualmente, também aderiu: "Essa greve eles não sufocam. E uma causa que não é só dos metalúrgicos!" E uma dona-de-casa, de Artur Alvim: "Jóia! É isso que precisa. O trabalhador tem que estar unido, só assim a gente pode se libertar. Eu estou no movimento de apoio, lá onde moro".

Ninguém segura esse povo

Nos degraus da Catedral, os oradores se sucedem. Ana Maria Martins, do Movimento Contra a Carestia, pede mais ousadia na solidariedade: "Cada categoria tem que empurrar seu sindicato, fazer assembleia de apoio". Ana Dias, viúva do operário Santo, é das mais aplaudidas: "Peço a toda esposa de operário que dê força a seu marido para ele continuar na luta". Um membro do "Grupo dos 15" de S. Bernardo fala também. Conta que nas favelas, uma lata vazia passa de barraco em barraco e cada família dá um pouco de óleo para o Fundo de Greve.

No fim, apesar da oposição de certos setores desejosos de segurar o movimento, o povo sai em passeata. Nos bairros de São Paulo, comícios de apoio reuniram centenas de populares. No Rio de Janeiro um ato público juntou 7 mil pessoas de dezenas de entidades. Na Bahia uma passeata de solidariedade foi reprimida à força. São os frutos da operação de guerra feita para esmagar a greve. Todos os democratas cerraram fileiras, junto com os metalúrgicos, contra o governo.

Na longínqua Imperatriz, na Amazônia maranhense, os operários de uma obra fizeram uma greve de solidariedade, por

GREVE UNE A OPOSIÇÃO

A greve dos metalúrgicos do ABC contribuiu mais para a unidade das oposições do que todos os incontáveis entendimentos de cúpula já realizados até agora. Confirmou que, embora as alianças "por cima" tenham seu valor, é a aliança "por baixo", na base e na luta, que pode impulsionar a formação de uma ampla frente democrática e de unidade popular. A firmeza dos grevistas e a brutalidade do governo Figueiredo forçaram a ação conjunta. Políticos do PMDB, PT, PTB e PP trataram de manifestar seu apoio ao movimento. Alguns o fizeram por convicção, outros mais por interesse eleitoral, outros ainda movidos pelo desejo de conter o ímpeto da greve. Visto em seu conjunto, porém, este apoio ajudou a isolar e desmascarar a conduta antioperária do governo.

A Tribuna Operária ouviu a opinião de alguns dos parlamentares oposicionistas presentes em São Paulo para solidarizar-se com a greve.

Teotônio Vilela, senador, AL: Delfim apelou para o apocalipse.

"O cerco que está se fazendo aos metalúrgicos tem o amargo sabor de uma operação de guerra, prevista em todos os seus detalhes e há muito tempo. Montou-se toda uma estratégia político-militar para aniquilar o sindicalismo de S. Bernardo.

"Toda a nação acompanha com emoção e intranquilidade os acontecimentos, dando apoio total à atitude assumida pelos metalúrgicos, de só voltar ao trabalho mediante o reatamento das negociações.

"E dizer-se que toda esta guerra foi deflagrada a serviço do plano antiinflacionário do sr. Delfim Netto e autorizada pelo sr. Golbery! Em estado de desespero face ao malogro de suas infelizes medidas econômico-financeiras, Delfim apelou para o apocalipse, como quem diz que, se cair, arrastará consigo a própria nação. A greve dos metalúrgicos transformou-se assim num problema nacional pela estupidez com que está sendo tratada".

Aurélio Peres, deputado, SP: Não sou do time dos pessimistas.

"Acho que a greve está muito boa. Não sou do time dos pessimistas, nem

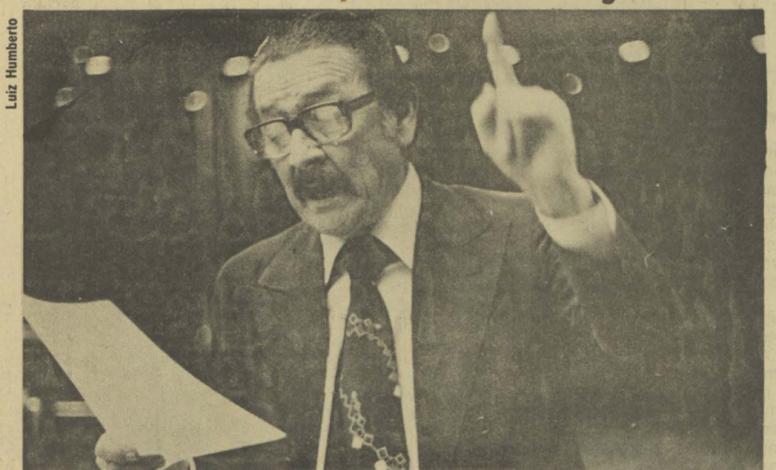


Manifestação em São Paulo: a solidariedade popular.

cerca de uma hora, no dia 18, assim ouviram pelo rádio a notícia da intervenção nos sindicatos. Um trabalhador, do segundo andar da obra, falou aos seus companheiros: "Nós, da construtora Regional Ltda, nos solidarizamos com os metalúrgicos do ABC de São Paulo, neste momento em que é colocada intervenção no seu sindicato!"

Ajuda generosa

Nunca se viu tanta solidariedade. Dos mais diversos lugares chegam a cada momento dinheiro e alimentos em quantidade (uma tonelada por hora). O exemplo da lata de óleo é um entre muitos. Na favela do Jardim Planalto cada barraco deu uma xícara de cereal até inteirar 20 quilos. Na Vila Califórnia uma festa popular arrecadou 13 mil cruzeiros para a greve. De Cangaíba, outro bairro pobre de São Paulo, veio uma kombi de alimentos. Foi generosa a coleta de uma hora de salário na porta das fábricas. Na fábrica da Ford em São Paulo ela rendeu 47 mil cruzeiros. Da Massey Ferguson, Zona Sul, de 2 mil operários, saíram 15 mil cruzeiros numa só vez. Os jornalistas de São Paulo levaram 250 mil cruzeiros à sede do seu sindicato até o dia 25. Em Minas, duas coletas, fora da época de pagamento, recolheram 40 mil cruzeiros. Muitos operários deram logo um dia de salário. No total, os mineiros já mandaram mais de 300 mil cruzeiros para o ABC. Do Ceará vieram 50 mil cruzeiros. No Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Paraíba —



Teotônio Vilela, um dos parlamentares que apóiam a greve dos alarmistas.

"A ação solidária dos parlamentares ainda deixa muito a desejar. Eles ainda não encontraram uma forma de interferir concretamente. Mas houve um progresso em relação a 1979. Na prática, está se dando uma unidade de ação dos quatro partidos (PMDB, PT, PTB e PP) que estão presentes no ABC e no Comitê de Solidariedade.

"Eu tenho dado sempre cobertura, na porta das fábricas, porque é na base que tenho mais facilidade. Na ação por cima tenho mais dificuldades do que outros. Mas fiz um pronunciamento no Congresso um dia antes da intervenção, dizendo que ela seria um péssimo negócio para o governo, o que acabou por se confirmar. O governo entrou num funil".

Iranildo Pereira, deputado, CE: a classe operária quer sua abertura.

"Estou pela segunda vez em São Paulo exclusivamente para dar apoio à greve do ABC. O Ceará está acompanhando muito de perto os acontecimentos daqui. Os movimentos populares de lá estão bastante ativos. A própria categoria dos metalúrgicos já tem uma rica experiência, de uma corajosa greve de dez dias no ano passado. E está se mobilizando para a campanha de coleta de fundos.

"Talvez o mais importante hoje para nós seja uma atuação junto às bases para conscientizá-las para a participação, na greve e na política em seu con-

to de toda parte — chega o dinheiro suado do povo, que jorra como uma cachoeira.

A força vem de baixo

Grças a esta força que vem de baixo, das fábricas e bairros, as tentativas de desvirtuar e dividir o movimento passaram para segundo plano. Fracassou a tentativa da chamada "unidade sindical" e de alguns políticos, de fazer da solidariedade ao ABC privilégio de uma minoria e, pior ainda, de negociar o fim da greve com o governo sem autorização dos grevistas.

As forças empenhadas na solidariedade verdadeira, que são a grande maioria, não buscam tutelar a greve, mas sustentá-la. São os grevistas que decidem sobre as negociações. "A única palavra válida — disse em S. Bernardo o líder metalúrgico mineiro João Paulo Pires — é aquela que o sindicato expressa, aqui, nesta assembleia".

O povo aprende a se unir

É uma experiência inestimável esta, de união e trabalho conjunto, em plano nacional, com um só objetivo e em torno da classe operária. Seu valor ultrapassa os limites da greve. Passada esta batalha, outras virão. Os laços que se formaram agora irão se estreitando. O povo aprende a se unir. Para muitos, formas de luta com a greve de solidariedade já se colocam como uma necessidade. E assim que se forja a unidade popular.

Marcos Cunha, deputado, PE: O povo tem mais medo da fome.

"O que está ocorrendo não é um simples confronto entre empregados e patrões, mas entre o sistema e a sociedade civil. O governo não contraria apenas os operários, mas os intelectuais, os estudantes, e os parlamentares de oposição.

"Eu entendo que a luta do parlamentarista oposicionista não deve ficar apenas no Parlamento. É hora de ficar junto ao povo. A realidade de Pernambuco é muito distinta desta daqui. Mas a greve do ABC contribuiu para desinibir os setores populares. Por exemplo: a greve na PUC de Pernambuco aumentou na proporção em que recebeu as notícias de São Paulo. O trabalhador rural pernambucano também acompanha os acontecimentos e por sinal está preparando mais uma greve. Não há dúvida de que isto daqui está se irradiando por todo o país. E as ameaças do governo não tiram ninguém, porque o povo tem mais medo da fome do que de qualquer ameaça".

FORÇA BRUTA, A ARMA DO GOVERNO

Para quem acreditava na democracia de Figueiredo, aí está o DOI-CODI agindo à solta no ABC. As mesmas peruas de chapa-fria dos piores tempos de Médici, o mesmo armamento pesado, a mesma truculência, os mesmos seqüestros ilegais. Por trás de tudo, segundo se comenta, está o general Milton Tavares, comandante do II Exército. E atrás dele o general Figueiredo, que mandou acabar com as greves até o 1º de Maio.

Os líderes metalúrgicos são vítimas de uma verdadeira caçada e têm de manter-se clandestinos quando não estão sob a proteção da muralha humana de seus companheiros durante as assembleias. A repressão militar age inteiramente à margem da lei, seqüestrando os "suspeitos" sem apresentar ordem de prisão.

A Polícia Militar e o DEOPS completam o quadro. São Bernardo parece hoje uma cidade ocupada por tropas de um exército invasor. A praça da Igreja Matriz, o Paço Municipal e o Estádio de Vila Euclides tornaram-se locais proibidos para os metalúrgicos e a população em geral. Só a polícia pode passar por lá. E a repressão ameaça indistintamente a tudo e a todos, grevistas ou fura-greves, jornalistas, simples transeuntes.

Toda a culpa é da polícia

O caso mais grave até agora foi o de um jovem metalúrgico, surdo-mudo, que perdeu três dedos de uma mão devido à explosão de uma bomba de gás lacrimogêneo, logo depois da intervenção. Sua mãe, d. Antônia, é taxativa: "O único culpado foi a polícia". E não é só ela que se queixa. Toda a

região sofre com o clima de guerra que as forças repressivas instauraram na tentativa de amedrontar os grevistas.

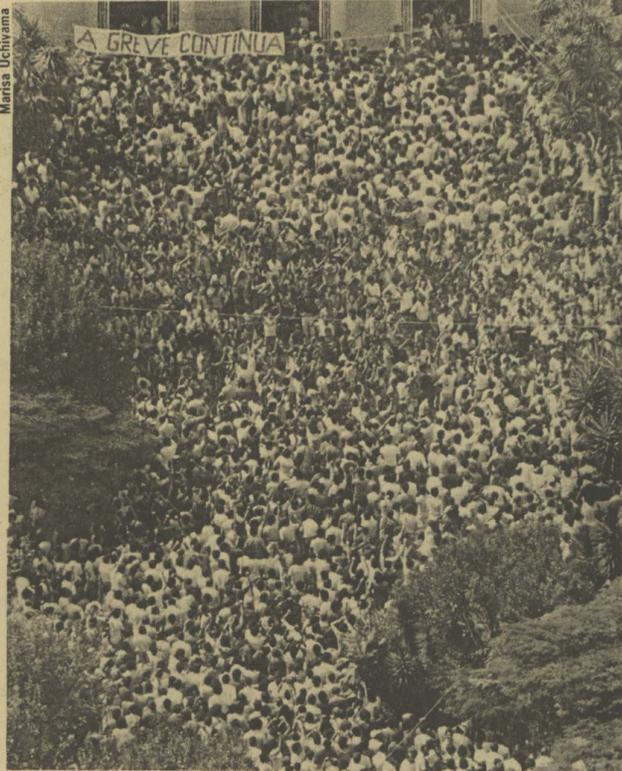
Coragem a toda prova

No entanto, a repressão não tem surtido o efeito desejado pelo governo. A paralisação se mantém. Lula, Alemãozinho e os demais presos vêem seu prestígio crescer junto à categoria e ao povo em geral, enquanto a própria massa operária trata de criar sua autodefesa.

Numa das últimas assembleias dois policiais mais ousados revolveram servirse do sanitário da matriz de S. Bernardo. Logo, como por acaso, começaram a entrar cinco, dez, vinte metalúrgicos no local, sem dizer nada. Os PMs saíram às pressas, abotoando as calças...

No bairro da Cidade São Jorge, Santo André, dois policiais tentaram carregar um jovem operário da Villares para dentro de um camburão. Ele estava sozinho, mas recusou-se a entrar. Num instante os policiais estavam cercados por moradores do lugar, que deram a palavra final: "Não vai entrar mesmo não". Mais uma vez a polícia teve de sair com o rabo entre as pernas. Em São Miguel Paulista, durante um ato público de solidariedade à greve, foi um grupo de operários e donas-de-casa que botou um agente do DOPS para correr.

Todo dia têm ocorrido escaramuças desse tipo, que se tornam mais freqüentes na medida em que aumentam as provocações policiais. Os metalúrgicos já provaram de sobre que são gente ordeira e disciplinada. Mas mostraram também que têm coragem de sobre para responder à altura aos atos provocativos das forças da repressão.



A GREVE DIA A DIA

Um mês de coragem, unidade e sacrifícios de uma classe decidida a traçar seu próprio destino.

Janeiro/ Fevereiro/março. Preparação para a luta. Em S. Bernardo 236 reuniões elegem 425 representantes de fábrica. Nas outras cidades a preparação não existe, ou quase isso, o que mais tarde terá seu peso.

29 de fevereiro. Primeira assembleia em S. Bernardo. Começa a "operação marcha lenta" e o boicote às horas extras. Aprovadas as reivindicações: aumento de 15%, estabilidade, semana de 40 horas, delegado sindical, etc.

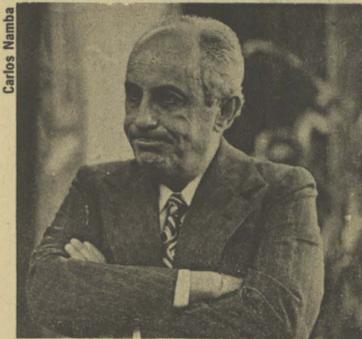
16 de março. Primeira assembleia-gigante no estádio de Vila Euclides, que passará a concentrar de 50 a 100 mil metalúrgicos no decorrer da greve.

30 de março. Os patrões teimam em não dar mais de 5% de aumento. Metalúrgicos de S. Bernardo decidem pela greve.

31 de março. No último dia das negociações o Sindicato de S. Bernardo propõe aumento de 7% vinculado à estabilidade de 12 meses no emprego. O Grupo 14 da FIESP rejeita. Santo André, São Caetano e algumas cidades do interior votam pela paralisação. Em Sertãozinho 2 mil já páram, mesmo contra a diretoria do sindicato.

1º de abril. Começa a greve no ABC, Sorocaba, Piracicaba, Taubaté, Cruzeiro, Lorena, Mococa e Araçatuba. Jundiá e Campinas decidem parar. O Tribunal Regional do Trabalho considera-se incompetente para julgar a ilegalidade da greve e faz proposta conciliatória de 7% de aumento.

Dia 9. S. Caetano volta ao trabalho. S. Bernardo e S. André continuam e aumentam o nível de paralisação. Lula: "Se os empresários e o governo querem guerra, vão ter guerra".



Dia 10. Murilo volta a Brasília para falar com Golber. Volta dizendo que a ordem é "acabar com a greve de qualquer jeito". João Pires, de Monlevade, lança a campanha de uma hora de salário para ajudar o ABC. O PMDB, PT, PTB e PP lançam nota conjunta de apoio à greve e condenação da "política do regime".

Dia 11. A FIESP pede ao TRT um novo julgamento. Murilo ameaça com intervenção, que "será o fim de Lula como dirigente sindical". Maluf diz que a greve "tornou-se política e de vedetismo". Figueiredo afirma que "não está preocupado".

Dia 12. Acordo em separado com a Termomecânica, de S. Bernardo, rompe unidade do patronato e é saudado como uma vitória pelos metalúrgicos.

Dia 14. O Fundo de Greve inicia distribuição de alimentos. Já tem 1,8 milhão em caixa. TRT declara a greve ilegal. Lula: "Não foi surpresa. O julgamento foi montado por ordem do Executivo".

Dia 15. Murilo outra vez em Brasília com Delfim e Golber. Em S. Bernardo o Sindicato lança um manifesto ao povo: "É inútil tentar nos deter, nos calar, nos abater. Somos multidões. Estamos nas cidades e nos campos, renascemos em nossos filhos. Sabemos que no futuro estará em nossas mãos a riqueza que hoje produzimos".

Dia 17. Figueiredo: "Só nos resta cumprir a lei". Macedo dissera que iria a uma assembleia em S. Bernardo. Recebe um telefonema, muda de idéia e decreta a intervenção nos Sindicatos de S. Bernardo e S. André. Lula: "Se eu não for preso, vou continuar no comando da greve".

Dia 18. Os interventores chegam e com eles a polícia. Em S. André encontram o Sindicato vazio e trancado. Em S. Bernardo há choques: bombas de gás lacrimogêneo, de efeito moral e cassetetes contra pedras e paus. Um operário perde três dedos. Em São Paulo passeata de solidariedade.



Dia 19. Por ordem do II Exército, prisão de Lula e mais 11 dirigentes sindicais e dois juristas da Comissão Justiça e Paz. Última assembleia em Vila Euclides decide continuar a greve, inclusive pela libertação dos presos e o fim da intervenção. O comando do

movimento em S. Bernardo passa para o "Grupo dos 15", escolhido anteriormente.

Dia 20. O DEOPS proíbe assembleias nos estádios e no Paço Municipal de S. Bernardo. Abi Ackel solidariza-se com as medidas do II Exército. Murilo repete o general Milton Tavares: "Há infiltração comunista no movimento".

Dia 21. Culto ecumênico na Catedral da Sé em apoio aos grevistas. Presentes 3 mil pessoas. Salto de qualidade nos movimentos de solidariedade.

Dia 22. Assembleia na praça da Matriz de S. Bernardo. O comparecimento é semelhante ao de antes, mas a combatividade é sensivelmente maior. Muitas palavras de ordem e faixas marcam a mudança.

Dia 23. Figueiredo investe contra a Igreja e acusa d. Evaristo Arns de "incitar à greve". O DEOPS proíbe assembleias na praça da Matriz. A imprensa chega a falar na maior crise do regime desde 1964.



Dia 24. Milhares de metalúrgicos desafiam a proibição e marcham para a praça, que é liberada na penúltima hora. "Não recuaremos nem um milímetro", prometem os metalúrgicos. Após a assembleia outra provocação policial, com o espancamento de repórteres. A noite, em São Paulo, concentração de 10 mil pessoas em solidariedade ao ABC.

Dia 25. O DEOPS suspende a incomunicabilidade dos líderes presos, mas simultaneamente proíbe qualquer manifestação pública relacionada com a greve.

Dia 26. A polícia toma a praça da Matriz de S. Bernardo. Na Igreja 8 mil operários reunidos em duas sessões decidem continuar a greve. Do lado de fora uma multidão incalculável de grevistas espera o resultado. A saída, o DOI-CODI seqüestra dois líderes metalúrgicos e tenta fazer o mesmo com Emílio Simões, o "Alemãozinho", mais tarde preso pelo DEOPS. Figueiredo anuncia que está "muito preocupado" com a greve e que não discursará no 1º de Maio.

Dia 27. Assembleia de 5 mil em S. André opta também pela continuidade da greve.



Dia 28. Assembleia em S. Bernardo lota a igreja matriz em três sessões sucessivas. Na praça e ruas adjacentes, frente a frente com a polícia, circula uma massa comparável com a que comparecia ao estádio. Notícia-se que Figueiredo determinou a seus ministros providências para já não haver qualquer greve nas ruas até 1º de maio.



Tropa de choque em S. Bernardo: como um exército invasor.

Depoimento de um piqueteiro preso pelo DEOPS

Depoimento de um dos inúmeros presos durante a greve do ABC:

"Fomos presos num piquete às cinco horas da manhã num bairro periférico da Zona Leste. Eramos mais de dez pessoas quando chegaram duas peruas Veraneios do Deops carregando 12 policiais a paisana. Cercaram a área e com cassetetes enormes mandaram-nos encostar na parede. Deram-nos vários golpes de cassetetes, deixando marcas no corpo. Com violência e muito deboche nos colocaram atrás das viaturas e nos levaram a uma delegacia do ABC. Tentaram impor medo, dizendo inúmeras mentiras. Disseram que a gente era trouxa, que enquanto acordávamos às 4 horas os líderes da greve descansavam com nosso dinheiro do Fundo de Greve na praia. Um deles, nervoso, xingou-nos por ter que acordar cedo e disse ter tomado umas "bolinhas". Um dos companheiros, ferido na bexiga, teve que ir para o hospital.

Durante todo o tempo de prisão tentaram nos colocar apavorados. Diziam que a gente ia ser enquadrado na Lei de

Segurança Nacional, que iam nos botar na lista negra e levar para o pau-de-arara e sofreríamos muita violência.

Nosso comportamento foi corajoso. Ninguém perdeu a dignidade. Não nos rebaixamos àqueles animais irracionais. Tudo que eles falaram de mentira serviu para nos encorajar e mostrou ainda mais que nossa luta é justa. Ficamos mais de 15 horas numa sala, só a água e cigarro. Quando não havia fiscalização conversávamos entre nós e os outros piqueteiros que chegavam presos, levantando a moral de todos.

Um fato muito bonito e que nos encoraja muito a continuar na luta até a vitória é que quando chegamos no bairro fomos muito bem acolhidos por todos os companheiros, metalúrgicos, donas-de-casa e outros. Uma vizinha nossa me disse: não fique com medo e continue a greve, porque os moradores estão com vocês. Vocês não foram presos por mtaconha, nem ladroagem ou malandragem. Foram presos porque procuram a justiça e o nosso governo não gosta disto".

Duas visões da greve

Dois partidos na ilegalidade divulgaram notas de seus comitês regionais em São Paulo sobre a greve dos metalúrgicos: o Partido Comunista do Brasil (PC do B) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Uma leitura atenta dos documentos mostra duas visões da greve e duas propostas para seu desenvolvimento.

O PC do B considera que a greve tornou-se parte integrante e até mesmo

PC do Brasil

"Que os trabalhadores e os mais amplos setores (...) se mobilizem em auxílio dos grevistas do ABC a fim de reforçar suas posições e com eles combater juntos".

"Os generais têm a força das armas do seu lado, mas não têm os braços que movimentam a produção. As máquinas não andam sem os operários. Se eles se dispuserem a parar, no ABC, em São Paulo e em outros Estados a força dos generais vira fraqueza. O povo é mais forte".

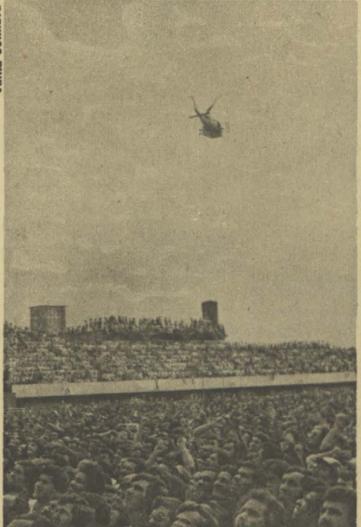
"Os metalúrgicos de São Paulo, ao resistirem bravamente (...) demonstram elevada consciência de seus direitos e se colocam nas primeiras linhas em defesa da liberdade para todo o povo. Sua luta é, hoje, a luta de todos os democratas".

PC Brasileiro

"Nossa preocupação imediata consiste (...) numa solução para o atual impasse que preserve as conquistas do movimento sindical e democrático".

"Somente com a ampliação e consolidação da democracia poderá a classe operária conquistar os direitos pelos quais se bate (...). Fora deste contexto, até mesmo os setores de vanguarda do proletariado brasileiro (...) não conseguem vencer a resistência dos patrões".

"Estamos convictos de que o prolongamento do impasse agrava o risco de um desfecho desfavorável para os trabalhadores, que repercutiria negativamente no conjunto do movimento sindical e na luta democrática do nosso povo".



Dia 2. Os grevistas rejeitam os índices do TRT. Helicópteros do Exército sobrevoam assembleia em S. Bernardo. Taubaté, Pindamonhangaba e Lorena voltam ao trabalho. Em compensação, Ourinhos e Ribeirão Preto páram.

Dia 3. Araraquara e Américo Brasiliense aderem à greve. S. José do Rio Preto, Jundiá e Guaratinguetá desistem. Em S. Bernardo o Fundo de Greve chega a um milhão de cruzeiros. Em S. José dos Campos operários protestam contra o sindicato, que não realizou assembleias. Em Campinas violenta repressão. A FIESP começa a publicar matérias pagas na imprensa caluniando os grevistas.

Dia 4, Sexta-feira Santa. "A greve está perfeita" — é o balanço do Sindicato de S. Bernardo. Fortes rumores anunciam que Murilo Macedo vai cair.

Dia 5, Sábado de Aleluia. Em frente à Villares operários malham um Judas chamado Murilo Macedo.

Dia 6, Domingo de Páscoa. O bispo d. Cláudio Hummer oficia missas em Santo André e S. Bernardo. Lula desautoriza quem quer que seja a negociar em nome dos metalúrgicos. "A negociação só terá validade se for feita com o Sindicato ou a comissão de salários".

Dia 7. Campinas, Araraquara, Ourinhos e Sertãozinho voltam ao trabalho. Murilo Macedo voa a Brasília, para falar com Golber e Delfim, e volta a S. Paulo, reunindo-se com a FIESP. Diz que "a greve está no fim". Lula responde: "Quem vai acabar se desgastando é o governo".

CDM



fala o POVO

"Fala o Povo" é uma das seções mais importantes de nosso jornal. Uma seção viva e vibrante, onde o povo fala de sua vida, de sua luta, de seus sofrimentos e suas vitórias. Continuem a escrever. Denunciem a tirania e a exploração, relatem seus problemas e seus êxitos. Contribuam para que "Fala o Povo" continue a ser uma seção combativa, uma tribuna de luta. (Olivia Rangel)



Linhas Corrente não costuraram as bocas

Nas assembleias do ano passado, no sindicato dos têxteis, nós, operárias das Linhas Correntes, não pudemos participar porque a pressão da empresa era grande. Nós vivemos ameaçadas. Contracestes procurando nos usar sexualmente. Quando recebemos negativas chegamos até a dispensar colegas, como se tomassem uma pinga no bar. E dizem: "vale mais uma mentira do contramestre do que mil verdades de um operário". Agora, a surpresa maior desta multinacional da linha de costurar e bordar é costurar nossas barrigas e bordar nossas cabeças. Tanto é que, nestes últimos dias, começaram a dispensar colegas em massa, chegando ao cúmulo de dispensar 10 a 15 por dia, em algumas seções. São colegas com 10, 15 e 20 anos de casa, que não encontrarão trabalho em outros lugares facilmente, pois já têm idade avançada. Ficarão ao deus dará. As turmas que trabalham de noite, às vezes são obrigadas a fazer somente 10 minutos de janta. Proibiram o almoço, no refeitório da firma, daqueles que entram às 6 da manhã e vão até o meio dia.

Como trabalhamos por hora, por produção, não temos tempo, às vezes, de ir ao banheiro. E os contramestres vão olhar dentro dos banheiros para ver se estamos conversando lá. Quando vamos à enfermaria, os médicos só recebem e dão injeção de novalgina, e logo temos que voltar para as máquinas. Nessas máquinas não temos proteção e não tem ventilação. As vezes, contramestres obrigam moças a trabalharem em máquinas de quatro fusos, que é uma loucura! Contratam meninas de 15 a 18 anos para os serviços "leves", mas a exploração não para aí. Algumas de nossas colegas trabalham às vezes das 6 da manhã às 22 horas durante uma semana. Algumas que estão de férias são dispensadas por recado. Vão avisar em casa que não precisam mais voltar para o trabalho. Estamos em clima de terror e apavoradas. Não podemos comprar nada, pois não sabemos se seremos mandadas embora hoje ou amanhã. E nosso sindicato está ocupado por uma cambada de f. da p. (Grupo de operárias das Linhas Corrente - São Paulo - Capital)

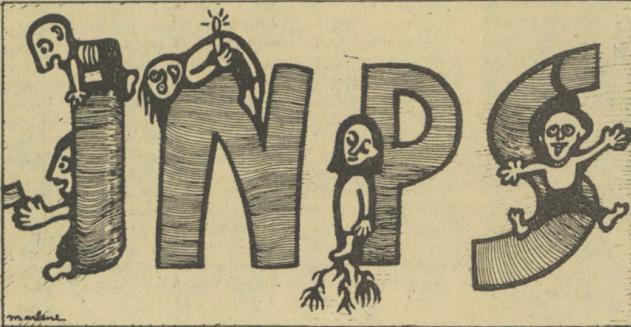
Aramari, desemprego e exploração

A "Companhia Cardan S.A. Indústria e Comércio", empreiteira da Rede Ferroviária Federal em Aramari, é manipulada pelos governadores do município, os mesmos que impediram que a firma pagasse maior salário aos trabalhadores. Está sendo aplicado o clientelismo político, o empreguismo. Os operários só são admitidos se forem recomendados por aqueles que se julgam donos do poder. (...) Mas os operários de Aramari não se deixaram encabrestar, porque são homens livres, dotados de inteligência e que estão sentindo na própria carne a fome e a miséria, o regime de escravidão. Saberão se rebelar contra a burguesia, os patrões, para construirmos juntos, todos os operários brasileiros, uma sociedade com justiça social, livre da opressão e da exploração, onde todos os cidadãos tenham emprego, salários justos, direito de voto e liberdade. A Cardan está indo à falência porque vem funcionando com uma série de desmandos e irregularidades: atrasa pagamentos, falta de

equipamentos de segurança. Os operários são obrigados pelos chefes a entrar no matagal para apanhar ferros velhos impróprios para recuperar carros. Um operário já foi picado por uma cobra. A firma demitiu sem justificativa 28 operários, a maioria por "justa causa". Mas os trabalhadores já reclamaram seus direitos na Justiça do Trabalho. Diante do caos social em que se encontra Aramari, com a grande maioria dos trabalhadores desempregados e os poucos que estão trabalhando recebendo salários de fome e atrasados, chamamos a atenção das autoridades governamentais para que façam investimentos financeiros, dando prioridade ao transporte ferroviário, para que seja ampliada a oficina de Aramari, que outrora foi o maior parque ferroviário do Norte e Nordeste, para gerar mais empregos com salários dignos de viver, para a felicidade e o progresso do povo de Aramari. (Genival Cardoso Dantas, presidente do PMDB de Aramari, BA)

Um pelego dos piores que já vi

Leitor assíduo da coluna Fala o Povo, queria fazer uma denúncia. Pois trabalho numa firma aqui em Belo Horizonte que não liga para o trabalhador. A firma se chama "Cinemas e Teatros Minas Gerais". Quando o trabalhador pede 40% (de aumento) eles dão 25%, e quando querem. Mas também, nosso sindicato não vale nada, pois o presidente é comprado pela empresa. Ele está na presidência há mais de 15 anos e nunca fez nada para o trabalhador. A empresa tem mais de 200 funcionários, mas a maioria não reclama, pois tem medo de ser mandada embora. O presidente do sindicato é o senhor Alvaro de Aguiar, um pelego dos piores que já vi. Quando tem eleição ninguém comparece ao sindicato pois ele não tem concorrente. Eu já fiz várias vezes a minha chapa. Mas todo mundo tem medo de votar em mim temendo atritos com o sr. Alvaro. Enquanto existir presidente igual ao sr. Alvaro nosso sindicato será falido. Me despeço me desculpando por alguma falha na minha letra e esperando ser atendido na sua coluna. (A.P.S. - Belo Horizonte, MG)



INPS: Infelizmente Não Pode Ser

Aqui em Salvador, no prédio onde funciona o INPS ou seja, o "Infelizmente Não Pode Ser", ocorre uma formação gigantesca de filas constituídas por pessoas pobres e trabalhadoras de toda a capital, que lutam por uma consulta médica. Mas os direitos dessas pessoas são violados pelos "Homens de Verde", ou seja, os guardas que ali "trabalham" furando essas enormes filas para ganhar uma gorjeta. A fim de adiantar o serviço da

Fanatismo é grito de desespero

(...) O fanatismo é uma forma de se desvencilhar de um mundo onde impera a pobreza social, material e espiritual. Os dirigentes fanáticos são na maioria das vezes oriundos das camadas mais pobres. E é ali, no meio de sua gente, desenvolvendo-se entre a pobreza e a opressão, que nasce em seu âmago a necessidade de mudança, necessidade de luta para se fazer uma sociedade igual. Esse é o despertar de mais um "messias". (...)

Fatos não muito distantes nos mostram como o sistema repressivo vigente colabora para o retrocesso do problema. Se retrocedermos no tempo, mais precisamente à manhã de 1º de outubro de 1970, deparáremos com uma pequena igreja na cidade de Rubineia, Estado de São Paulo, onde se reunia um grupo de lavradores debatendo sobre o que criam ser direito de todos, tendo à frente o líder messiânico Aparecido Galdino Jacinto, o Aparecido, que conseguira reunir um exército de lavradores. Nesta mesma manhã de 1º de outubro, um grupo de policiais, dizendo-se defensores da sociedade nacional, os atacou, espancandolos e levando preso seu líder. (...) Loucos? fanáticos? Não!! Procurem se aprofundar de olhos desvendados em suas "loucuras" e poderão ver que este tipo de loucura, de fanatismo, esses suicídios em massa nada mais são que um grito desesperado, um grito contra a opressão de que são vítimas as nossas camadas inferiores, a nossa gente do fundo do poço. (J.C.S.L. - Juiz de Fora, MG)

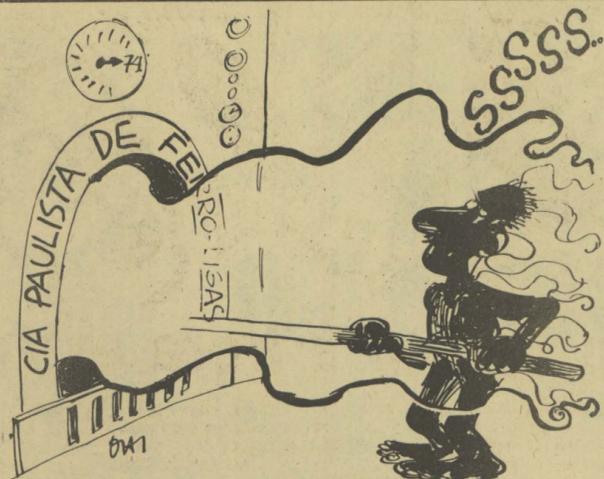
Da cana a espingarda

Josué: Os homens e os caranguejos ainda estão por aí na lama. E o pão que nós comemos já sabemos privilégio nosso. Na Geografia da Fome construímos ponte e ousadia. Hoje, você morto, o Nordeste chia: mas a terra que é perda e farta aprendeu como fazer da cana uma espingarda para defender o que é seu. (I.M.S. - Salvador, BA)

Comerciários contra dispensas

Dia 24, cerca de 50 comerciários e membros da chapa 2, da oposição, que concorreu ao sindicato em maio, discutiram a situação dos vendedores comissionados das grandes lojas de São Paulo, que estão sendo dispensados em massa. Dos 250 mil comerciários de São Paulo, mais de 40 mil não são registrados em carteira. Agora muitos que recebem comissões estão sendo demitidos. Em grandes lojas como a Sears, Mesbla, Mappin, eles nem recebem uma explicação. No seu lugar entram trabalhadores com salário fixo, bem inferior às comissões, e ainda ameaçados de dispensa se não produzirem uma venda mínima.

Essa arbitrariedade das grandes lojas que dominam o comércio de São Paulo conta com a conivência do sindicato, que permanece calado, como nas outras vezes em que foi preciso defender a categoria. Mas os comerciários estão dispostos a lutar e para isso formaram a chapa 2. (S.T. São Paulo, SP)



Mais um sindicato vai nascer. Viva!

Em Caxambú, Estado de Minas, existe uma usina siderúrgica, a Cia. Paulista de Ferro-Ligas, com mais de 500 operários. As condições de trabalho dos operários são as piores possíveis: trabalhando na boca do forno, a uma temperatura média de 74°C, eles não recebem qualquer tipo de material de proteção, como sapato, luvas, etc. São inúmeros os casos de acidentes de trabalho. A direção da Siderúrgica, cinicamente, diz que não fornece sapatos e botas especiais, bem como roupas de asbesto e amianto, porque "pode cair uma fagulha dentro, e até que o operário a retire, a queimadura vai ser muito grave".

Embora os salários estejam um pouco acima da média do que ganha os trabalhadores das demais categorias na cidade, as condições de trabalho super-precárias não compensam de jeito nenhum...

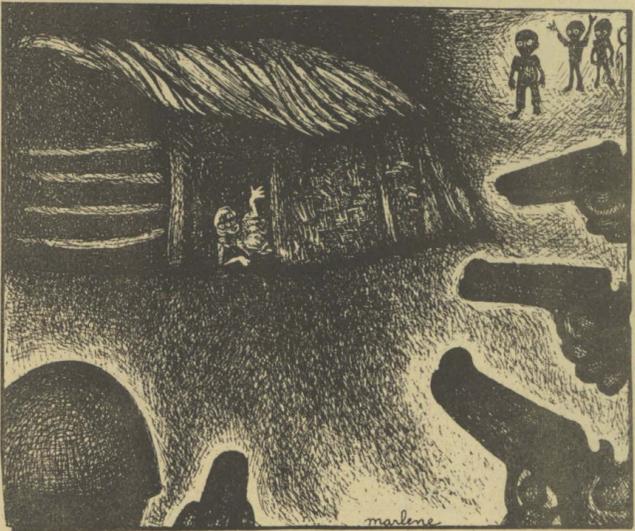
Os trabalhadores não possuem organização ou qualquer outra forma de organização. Mas estão lutando para criar. Foi passado entre eles um abaixo-assinado pela criação

do Sindicato, que já conta com mais de 150 assinaturas.

É bastante grande a expectativa em torno da criação do Sindicato. Ainda mais agora, que a turma está vendo os metalúrgicos de São Paulo e até de cidades vizinhas lutarem por seus direitos, a esperança é no sentido de que o sindicato contribua para melhorar as condições de vida e de trabalho da moçada.

Mas há um perigo à frente: um deputado estadual do PP (que de popular só tem o nome) está se dispondo a "encaminhar" os "trâmites legais" para a constituição do sindicato. Isto está deixando os operários muito desconfiados. (...) Que o deputado está querendo mesmo é voto, ninguém tem dúvida...

Assim, os metalúrgicos de Minas já podem contar com mais uma turma na briga de todos por melhores salários, por liberdade e autonomia sindical e pelos demais direitos dos trabalhadores e do povo da cidade de Caxambú está entrando firme na luta! (Um operário de Caxambú, MG)



Fui jogado fora

A finalidade desta carta é denunciar através da Tribuna Operária, que é jornal dos trabalhadores, um fato ocorrido comigo na Fazenda Calindó, de propriedade do Dr. Vavá e administrada por Quinto Malheiros, situada em Sebastião Laranjeiras, na Bahia.

Eu estava pegando algodão juntamente com meus quatro filhos na referida fazenda, quando chegou o administrador. Me chamou e disse que um dos meus filhos tinha cortado um cano com o facão. (...) Entrei com ele rumo à sede e lá chegando perguntei pro meu filho se ele tinha cortado o cano. E tanto ele quanto as outras crianças negaram, e ninguém afirmou o contrário. O seu Quinto Malheiros, que já vinha me destratando no caminho da sede, me desacompanhou na frente de todo mundo, dizendo que "um velho como você, só matando" e puxou o revólver. Corri para o barraco onde moro com minha mulher (que é paralítica) e meus

filhos. E ele foi para a Vila buscar a polícia.

Eu fiquei escondido no mato por perto e vi a polícia invadir meu barraco. Perguntaram a minha mulher onde estavam meus documentos e ela disse que eu não tinha documento. Eles obrigaram ela a entregar meus documentos e eles levaram tudo e não mais devolveram: título de eleitor, carteira de trabalho e outros. Diante disso resolvi não mais ficar ali. Corri para Guanambi, arrumei um barraco na periferia da cidade. Enquanto isso, na fazenda, o administrador ordenou que um caminhão pegasse tudo que era meu e jogasse numa rua da cidade. Depois de tudo isso, sem me darem nenhuma satisfação, não me pagaram o algodão que eu e meus filhos tínhamos catado. Isto tudo depois de eu estar trabalhando naquela fazenda há mais de 10 meses. Fui jogado fora sem nenhum direito. (Um trabalhador rural de Guanambi, BA)

Carne, terra, sindicato e educação

Senhoras donas-de-casa Eu sei que é dura a situação E os chefes de família Na terra dos farroupilhas Também enfrentam a opressão. Sem temor e sem enganos Já vem dezesseis anos Em caminhos do abismo. Em caminhos do capitalismo. E quem pagará esses danos.

Não vim para monologar, Quer dizer, falar comigo. Por favor para dialogar contigo. Neste glorioso sindicato Pedindo mais carne no prato. Mas por aqui não encerra Queremos a posse da terra Onde moramos e plantamos E aqui nós estaremos Até vencer esta guerra.

preocupado na mesa de operário, Carne para quem isto eu fico, Tornou-se prato de rico. E tantos meninos Por não serem filhos de nobre Com a arrochada vida de pobre. Ouve uma voz falando alto. Toma um sobressalto E vê que não está sozinho. E alguém chamando por carne Na casa do vizinho.

Autonomia, direitos Ou liberdade moral No trabalho sindical Com apoio da Nação. Buscamos a emancipação Por lei vigente e legal O dispositivo constitucional Que deverá ser cumprido. E que seja garantido Para os de idade escolar Gratuita educação. (Sebastião - Porto Alegre, RS)

Mais de seis mil demitidos!

É cada vez mais difícil a situação dos operários da construção civil de João Pessoa. O índice de desemprego já atinge os 60%, trazendo aflição para os lares dos trabalhadores. Os patrões alegam estar demitindo os operários em virtude da crise da construção civil, agravada com um déficit que os governos estadual e municipal têm com as firmas construtoras, de mais de 100 milhões de cruzeiros.

Mas os operários estão revoltados, principalmente pelo não cumprimento por parte dos patrões do reajuste salarial acordado em 1º de novembro passado e com as dispensas em massa (no último dia 11 mais de seis mil foram demitidos). Pode ser uma manobra para não pagarem o reajuste. Mas os operários já estão se mobilizando e ameaçam entrar em greve. Para isso, estão marcando uma assembleia geral para o próximo mês no Estádio Municipal da Graça. (A.T.S. - João Pessoa, PB)

100% de aumento para os aposentados

Os abaixo-assinados, aposentados oriundos das categorias dos trabalhadores em transportes coletivos e de cargas do Estado de São Paulo, conscientes de interpretar o pensamento da maioria dos aposentados da Previdência Social do Brasil (INPS), somando mais de 10 milhões de aposentados, homens e mulheres sacrificados pela inflação e pela alta do custo de vida, decidimos: apelar para as autoridades competentes, exigindo um aumento de cem por cento (100%) no nosso provento a partir de 1º de maio.

Considerando que não dispomos de meios de pressão, apelamos para que todos os interessados participem desta Campanha de Rendação dos Aposentados, mobilizando sindicatos, federações, confederações, clubes, igrejas e possivelmente mais tarde a organização mesmo de um partido dos aposentados, que defenda os nossos interesses. Mande seu nome e endereço, com o número de seu carnê de aposentado para o seguinte endereço: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista, CEP 01325, SP. (L.H. - São Paulo, SP)

O gosto da democracia

A favela do Jardim Dona Sinhá, em Sapopemba, teve no dia 6 de abril, domingo, uma pequena amostra de democracia.

Apertados num cômodo que serve de farmácia e sede da Sociedade Amigos da Favela, estavam os moradores reunidos para votar os nomes de alguns cargos da diretoria da Sociedade. Foi com alegria de participar que os moradores usaram do seu direito de voto naquele momento. Decidiu-se também organizar uma festa para arrecadar fundos que servirão para alugar ônibus que levarão os favelados à regional para expor suas reivindicações ao administrador e lhe cobrar soluções. (Favelado do Jardim Dona Sinhá - São Paulo, SP)

Reivindicar não basta queremos participar

Somos leitores assíduos de seu valente jornal, que muito admiramos. Comunicamos que estamos trabalhando para criar a Associação Matogrossense dos Trabalhadores Assalariados. Gostaríamos que fosse criada uma associação a nível nacional, porque não são somente os trabalhadores matogrossenses que estão marginalizados, mas sim os trabalhadores brasileiros.

Somente a luta reivindicatória não é suficiente; é necessário, imprescindível lutar pelo direito de participação.

Os trabalhadores assalariados urbanos e rurais, como a maior força política e eleitoral do país, não participam das decisões políticas, nem administrativas da nação, nem sequer da cúpula partidária.

Os trabalhadores brasileiros não podem continuar como instrumentos de uma minoria inexpressiva. (...) Encontramos uma fórmula eficiente e democrática para os trabalhadores urbanos e rurais brasileiros se libertarem desse capitalismo caolho que ali está, para viverem condignamente, dependendo apenas de si mesmos. Não podemos continuar deixando que outros façam por nós, temos que confiar em nossa capacidade e criatividade. Estamos por inteiro disponíveis todos os trabalhadores de Mato Grosso e de todo o Brasil que desejarem entrar em contato conosco. (W.S. - Várzea Grande, MT)

CPM
Certificado de Garantia
Fundação Maurício Grabois
(Sebastião - Porto Alegre, RS)



Mulher sem direito a hora extra

Venho por meio desta trazer ao seu conhecimento as injustiças que ocorrem na empresa em que trabalho. A empresa a que me refiro chama-se "Casa Sendas Comércio e Indústria S/A", (supermercados). Esta empresa é uma tremenda máfia. Obriga os funcionários a aceitarem os erros da empresa sob ameaça de demissão.

Nunca pagaram horas extras a não ser 2 horas extras normais, e só para os homens. As moças maiores e menores excedem seu horário normal e não recebem hora extra. Muitas moças atuam como operadoras e recebem como empacotadoras. Os fiscais de caixa pagam cheques sem fundo ou roubados quando recebem dos clientes desonestos, pois não existe lei para tal coisa. Existem relógios de ponto em todas as fi-

liais. Mas não trabalham direito por culpa da empresa, vivem travados para não registrarem mais de duas horas extras.

Não temos fundo de garantia em carteira. Pagamos o INAMPS e não temos direito a ele devido ao convênio que a empresa tem com o referido. Os nossos familiares recebem tratamento pior do que o do INPS no "Serviço Social" da empresa. Fizeram um Centro de Integração para comprar a integridade dos funcionários. Na verdade, não temos liberdade no Club Sendas. Se damos um pulo de alegria somos abordados pela segurança. É tanta "segurança" que os funcionários têm medo de se alegrarem quando há motivo para tal.

A festa anual dos filhos dos funcionários na verdade é feita pelos fornecedores e não pela Sendas.

Uma empresa que compra mercadorias para pagar com 60 dias de prazo aos fornecedores tem que crescer muito rápido. Empresa que vive iludindo os clientes com curativos de culinária, etc. Enrola os funcionários e até mesmo o governo com estória de antecipação de aumento salarial e na verdade só dá um aumento, sendo que o divide, dando parte em maio e outra em outubro. A Sendas é uma empresa recordista em entrada na Justiça do Trabalho por não dar os direitos dos funcionários quando os demite. Mantém um quartel de policiais da PM no antigo prédio do Mar e Terra na rua Barão de Itagiipe, no Rio Comprido, comandado por militares da ativa: major Calheiros, capitão Couto, capitão Montijo e major Nerilson. (Um funcionário da Sendas - Rio de Janeiro, RJ)

Carta a um pai

(...) Diariamente se vê gente falando: "Este é um país bom demais, não temos guerra, todos vivem, mesmo comendo seu parco arrozinho, é um país equilibrado". Um país que atravessa uma de suas piores fases financeiras e sociais, e é considerado um bom país. Um país de mendigos, de crianças abandonadas.

Sinceramente, pai: o nosso país é um país claro, de fantoches, de contradições. Revoltas, tem muitas. Veja, pai, os estudantes ou guerrilheiros que estão lutando ou lutaram com seus batalhões movidos a ideal. Estes, sim não são consideradas boas pessoas. Estes são os chamados "terroristas". E seu único "terror" consiste em ajudarem as classes pobres, em desejar um futuro melhor para nós proletários. Mas o ideal há de vencer um dia. E eu, pai, quero estar vivo, não para ocupar lideranças, mas apenas como um a mais no ideal de luta pela liberdade do nosso povo. (...) (E.F.B. - Goiânia, GO)

Onde estão Negro Fubá e Pedro Fazendeiro?

Mais um caso de vítimas da repressão começa a ser esclarecido. Trata-se do desaparecimento, em setembro de 1964, dos líderes das Ligas Camponesas na Paraíba Pedro Fazendeiro e Negro Fubá.

Os dois líderes, muito queridos pelos camponeses paraibanos, foram presos pelo Exército. Comentava-se que em setembro de 64 foram soltos e desapareceram até hoje. Desde o ano passado foi quebrado o silêncio em torno da questão. Um ex-vereador do antigo PSB denunciou que eles tinham sido mortos pelo então coronel da Polícia Luiz Barros, hoje deputado estadual pelo PDS. O assessor jurídico do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, advogado Vanderley Caixe, começa a apurar o caso.

Nos últimos dias a coisa esquentou: numa troca de acusações entre o deputado Luiz de Barros e o prefeito da cidade de Teixeira, Eudes Nunes, este confirma a responsabilidade do deputado pela

morte dos dois camponeses, inclusive fornecendo detalhes. A viúva de Pedro Fazendeiro, em entrevista ao jornal "O Norte", de João Pessoa, conta o desespero da família quando da prisão do marido e quando de seu desaparecimento.

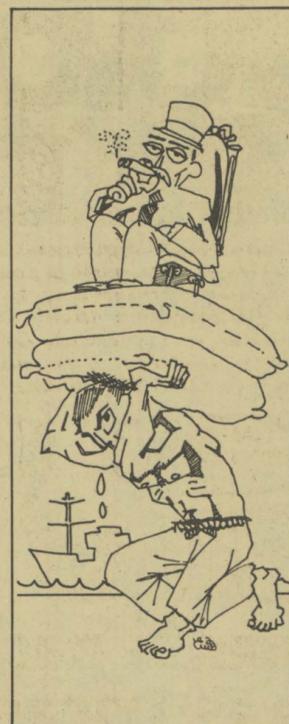
Um grupo de deputados estaduais está apreciando a possibilidade legal de requerer uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar o caso. E o assessor jurídico do Centro de Defesa afirma que sua assessoria está recompondo o quadro histórico da época, podendo inclusive a União ser responsabilizada pelo crime, se ficar comprovado que os camponeses estavam em seu poder. Assim, é mais um passo que se dá para recuperar a história de todos aqueles que tombaram na defesa da causa popular, dentro do espírito da luta pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita. (A.T.S. - João Pessoa, PB)

Estivadores de Maceió continuam na luta

Uma carta nossa, contando o problema dos estivadores "camisas brancas" do porto de Maceió já foi publicada na edição n° 8 da Tribuna Operária. Nesta edição a gente denuncia que o presidente do Sindicato dos Estivadores de Alagoas, Antônio Barbosa de Lima, ficou com um dinheiro nosso, pago pelo Instituto do Açúcar e do Alcool como forma de subsidiar todos os trabalhadores da estiva.

Agora a gente quer atualizar as informações para que todos os trabalhadores leitores da Tribuna acompanhem nossa luta. Estamos (80 camisas brancas) processando judicialmente o presidente do sindicato para que todo o nosso dinheiro nos seja restituído. Já foram realizadas duas audiências. O pessoal comparece em massa no fórum para ouvir os depoimentos dados ao juiz. Isso é bom, porque a pressão em cima dos que querem mentir é grande. A gente ouviu, por exemplo, quando o inspetor Bahia (testa-de-ferro do presidente) falou que tínhamos recebido o 13°, abono, as férias. Tudo é mentira. Nenhum camisa branca recebeu isso. Ele disse também que o sindicato providencia material de proteção pra gente trabalhar. Outra mentira. Se a gente quiser se proteger dos produtos químicos e dos venenos, é obrigado a comprar as luvas, a máscara, etc. Nem leite eles dão em quantidade decente. Um litro é para ser dividido por doze trabalhadores.

Enraivecido com a nossa luta, o presidente do Sindicato está agora segurando o cartão vermelho (de embarque) de muitos camisas brancas, para impedi-los de ter acesso ao trabalho. Na nossa luta estamos recebendo o apoio dos



Sindicatos dos Arrumadores e dos Conferentes.

Queremos manifestar a nossa solidariedade com os companheiros do porto de Santos, a quem parabenizamos pela vitória conseguida com a greve com a uniaõ decidida de todos os portuários santistas. (Grupo de Apoio à Tribuna Operária dos estivadores de Maceió, AL)

Povo, preste atenção

Meu povo preste atenção, o progresso em que vai dar: chega Banco do Nordeste dizendo que vai melhorar mas por trás da fantasia o pobre vai se lascar.

Progresso só para os ricos que têm a máquina na mão. vão ao banco tirar dinheiro e fazer a confusão tirar o camponês da terra e deixar ele sem pão.

No dia da inauguração vêm políticos e doutores vão fazer demagogia que só é tapeação para aumentar suas riquezas e empobrecer a nação.

Com promessa de emprego o pobre vai enganar vai tomar as suas terras para a cana plantar emprego de fome pra uns e os outros de fome matar.

Não existe liberdade nesse nosso Maranhão. Se o cara não segue o partido dos corruptos e ladrões João Castelo joga fora sem nenhuma preocupação.

Não podemos acreditar no que João Castelo prega. Diz que Maranhão é pra todos mas na prática ele nega só não vê o PDS junto com as pessoas cegas.

Não existe um partido para o povo trabalhar. São todos da burguesia pra pobres não há lugar. Por isso vamos lutar na tendência popular.

Precisamos lutar com amor e disposição pra que um dia, esse regime possamos jogar no chão daí surja um partido sem presença de patrão. (Um camponês do Maranhão)

Greve em defesa do professor

O Reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, baseado em fatos inverídicos, despediu injustamente o professor do Instituto de Zootecnia Walter Motta.

O professor, após o consentimento de seu colega de trabalho em plena função, convocou os alunos através de contatos verbais em salas de aula para uma assembleia no Prédio Central, na qual seria discutido um acidente ocorrido na Universidade, que resultou no falecimento de um estudante.

O auxiliar de ensino Prof. Edson Mendes comunicou o fato à chefia do Departamento de Produção Animal, na pessoa do Prof. José Alberto Batista, coronel do Exército, que teria advertido o docente faltoso por seu suposto grave procedimento em período de trabalho. Mas ele refutou em ofício dirigido ao reitor as afirmações do diretor do Instituto (Nei Queirós da Silva) destacando o seguinte: "Nota-se pois que não houve advertência ao docente faltoso, pois do meu ponto de vista não houve falta por parte do prof. Valter."

Mesmo com este desmentido do prof. José Alberto, o reitor rescindiu o contrato do prof. Valter. Não contente com isso, abriu inquérito administrativo e denunciou 83 professores por terem apoiado o prof. Valter. A partir deste dia professores são retirados da sala de aula para prestar depoimento na Polícia Federal, suscitando um clima de tensão e insegurança entre os docentes, que também estão ameaçados de rescisão de contrato.

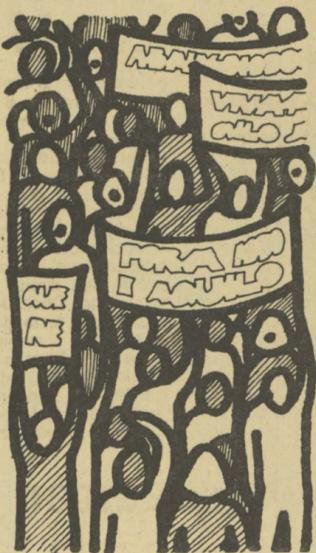
Para sustar todos estes atos, uma assembleia soberana de alunos decidiu-se pela greve geral até que sejam atendidas nossas reivindicações: reintegração do prof. Valter Motta; fim do inquérito policial contra os professores e pela livre opção dos professores de permanecerem na Universidade. (M.S.R. e F.B.M. - alunos da UFRJ, RJ)

Pois somos a maioria que de tanto a carestia o arrocho e o desemprego serem nossos companheiros resta-nos só a coragem e vontade de lutar pra liberdade alcançar e a fome terminar

Por isso companheiros da cidade e do campo continuemos a luta Tiradentes e tantos outros não deram a vida em vão

Isto só vai ter fim com uma revolução do povo da Nicarágua já nos deu esta lição expulsando o ditador e libertando a nação da exploração e repressão. (Uma metalúrgica, Contagem, MG)

Protesto popular em Prudente



"Desemprego gera violência. E então, sr. prefeito?". Esta era uma das faixas carregadas pelos moradores de Vila Brasil, em Prudente, no interior de São Paulo, quando da passeata realizada em 3 de março em protesto contra a violência nos bairros além da linha da estrada de ferro, que vinha colocando em risco a segurança da população.

A passeata saiu do bairro de Vila Brasil, dirigiu-se ao fórum onde uma comissão teve uma audiência com o juiz de menores do município, exigindo urgentes providências. Enquanto a comissão avistava-se com o sr. juiz, cerca de 400 pessoas gritavam na entrada do fórum: "Queremos proteção!", "Queremos justiça!", "Abaixo a violência!" e "O povo unido jamais será vencido!".

Um grupo de crianças portava cartazes em protesto contra a tentativa de homicídio praticada contra a menor Maria Aparecida Gonçalves, de 10 anos de idade. E os adultos protestavam contra o as-

sassinato do jogador do Esporte Clube Corinthians, "Nego", cujos assassinos estavam soltos ameaçando toda a população do bairro.

Após a promessa do juiz de que teriam uma solução para o caso, dirigiram-se pelas ruas da cidade até a prefeitura, exigindo verbas para a construção de um abrigo de menores com condições para recuperação dos mesmos e mais a derrubada do matagal existente no bairro, que serve de esconderijo para marginais.

Enquanto isso, devido às pressões do governo contra os agricultores, aumenta o êxodo rural e a cidade recebe dia a dia grande contingente de pessoas que aqui não encontram emprego. Isso sem dúvida é o que gera a marginalidade. E apesar das promessas do Prefeito, sabemos que a coisa só mudará para nós, moradores da Vila Brasil e adjacências, quando mudar o regime ditatorial que assola violentamente o país e destrói barbaramente nosso povo, a cada dia que passa. (P.A.M.I. - Presidente Prudente, SP)

A tragédia dos camponeses

A situação dos camponeses se tornou trágica desde 1964. Existe a opinião de que o êxodo rural parte da necessidade de procura de melhores salários, tratamento de saúde e escola para os filhos. Apenas em parte isso é justo: 5% vêm para as cidades com estas finalidades; mas 95% são expulsos das terras onde residem.

O deslocamento dos camponeses de suas localidades de moradia e trabalho se deu com a aplicação da lei que vinha obrigar os proprietários de terras a dar assistência aos agregados, nas doenças e acidentes. Mas estas leis não asseguraram a estabilidade dos trabalhadores do campo. Como a burguesia sempre foi e é inimiga da classe trabalhadora, os fazendeiros resolveram expulsar direta ou indiretamente seus agregados. Alguns deles indenizaram seus agregados, com 5 ou 10 mil cruzeiros, importância que não dá para adquirir sequer um metro de terra em lugar nenhum. A maioria deles utilizou métodos de opressão: tomaram as rocinhas, impediram que os agregados possuíssem animais e ferramentas.

Com essas imposições, os camponeses se viram de pés e mãos quebrados para sobreviverem no campo! Foram deixando as terras e

vindo habitar nos povoados e periferia das grandes cidades, servindo de escravos, às vezes dos lavradores ou dos industriais.

Milhões desses infelizes passaram à categoria dos bóias frias. São obrigados a levantar às três da madrugada e ir trabalhar nas lavouras, sendo carregados em caminhões como se fossem gado. Nas entressafas, têm que enfrentar os serviços de ajudante de pedreiro, furadores e limpadores de cisternas e fossas, limpadores de quintais, catadores de papel, etc. (...)

A industrialização das lavouras também aniquila ainda mais a classe camponesa. Estas indústrias em parte são ligadas às multinacionais, que exploram barbaramente os meios de produção e as riquezas nacionais. Daí vêm a fome, a miséria e a delinquência. (...) É necessário a compreensão e conscientização da maioria do povo para conquistar realizações democráticas, como a nacionalização das empresas estrangeiras e a reforma agrária. (...) É preciso acabar com o entreguismo, a grilagem e libertar os camponeses, os operários, estudantes, professores, donas-de-casa, intelectuais, todo o nosso povo. (J.M.N., camponês - Goiânia, GO)

Estudantes de direito apóiam luta popular

Os estudantes, através de suas entidades de base e de sua entidade máxima, a UNE, se posicionam ao lado dos operários, camponeses e dos setores democráticos para conquista de amplas liberdades de manifestação e organização partidária, em defesa da nossa soberania nacional solapada pelo capital estrangeiro, do desmantelamento do aparato repressivo e punição aos torturadores, da extinção das leis repressivas, da convocação da Constituinte precedida das liberdades supra referidas e da queda da ditadura militar.

Foi dessa forma que os 840 delegados, vindo de quase todas as Faculdades de Direito do Brasil, se manifestaram. O 2º Encontro Nacional de Estudantes de Direito, realizado nos dias 19, 20 e 21 de abril em Recife, Pernambuco, se afirmou, a nível organizativo, como subsecretaria da UNE e se orienta pela Carta de Princípio da mesma. (...) A disposição de luta dos estudantes ficou evidenciada nas manifestações solidárias à greve dos metalúrgicos do ABC, à greve dos professores de Minas, no repúdio ao enquadramento de estudantes na Lei de Segurança Nacional. (Estudantes da Faculdade de Direito da USP de São Paulo).



Flávia livre: mas não por esforço do general Figueiredo

Liberdade de Flávia, vitória do povo

O movimento popular e democrático vem de obter mais uma importante vitória, arrancando dos cárceres uruguaios, após tantos anos de torturas, trabalhos forçados, e todo tipo de sofrimento, nossa compatriota Flávia.

Assim como na vitória parcial da anistia restrita, a campanha popular e os esforços de diversas entidades e personalidades veio demonstrar mais uma vez que o povo, ao defender seus justos interesses com combatividade e persistência, mais dias menos dia obtém a vitória.

Os regimes militares brasileiro e uruguaio, que se irmanaram semeando o terror, torturando, as-

sassinando, seqüestrando, trocando experiências repressivas, tiveram agora que engolir essa vitória popular, e negociaram uma saída honrosa para sua derrota.

Flávia em liberdade deve nos animar no combate pela punição de todos os torturadores, pela abolição da Lei de Segurança Nacional, pela abolição dos tribunais de exceção, pelo retorno de todos os exilados, pela reintegração dos cassados e demitidos, pelo desmantelamento dos órgãos de segurança e tortura, pelo esclarecimento de todas as mortes e desaparecimentos. (Sociedade Sergipana dos Direitos Humanos - Aracajú, SE)

Herói da nossa pátria do nosso povo aprimido Esse homem combativo sua vida à causa deu por ver seu povo explorado trabalhando feito escravo sem nenhum direito seu

Joaquim José da Silva Xavier o alferes Tiradentes deixou plantada a semente na mente de toda gente que até hoje é explorada pelo gringo impertinente

Mas além dos estrangeiros tem também os brasileiros senhores de tantas terras que exploram o camponês por meio de grilagem, isso não passa pra nós de uma grande sacanagem

O culpado disso tudo é o regime militar que garante a exploração e a miséria da nação deixando-nos sem condição de viver dignamente e também independente como queria Tiradentes.

Porém sabemos nós que pra ver nosso país livre da miséria e da opressão é preciso derrubar a ditadura militar

Por um governo popular sem o iaque ladrão dividindo melhor a riqueza da nação reforma agrária radical e outra constituição anistia irrestrita e o fim da repressão.

CDM Centro de Documentação e Informação Fundação Maurício Grabois

Greve do ABC, esperança do povo

Direção coletiva, consciência política elevada, organização eficaz e muita coragem, quem pode com os metalúrgicos do ABC?

Dentro da matriz de S. Bernardo, enquanto esperam o início da assembleia, vários metalúrgicos trocam idéias: "Eu por mim fico de greve até a chegada do Papa (fim de junho). Macarrão não vai faltar. Já peguei duas vezes no Fundo", diz um deles. A disposição da categoria é de agüentar firme, até ver os patrões "de joelhos", para usar a expressão de Lula. E não é uma disposição verbal. Muito metalúrgico está fazendo economia desde o ano passado, acumulando seu fundozinho de greve particular. Outros foram trabalhar na construção civil. Os operários das grandes empresas de S. Bernardo, sobretudo, falam com bastante tranquilidade na hipótese da paralisação se estender por mais uma, duas, três semanas.

O governo contra a greve

Desde o início ficou claro que para dobrar o patronato seria preciso enfrentar o regime antioperário e o governo que o representa. Por sugestão de Delfim Netto, que quer combater a inflação à custa do arrocho de salários, o governo encorajou a intransigência dos patrões desde antes da greve.

Com isso e a sucessão de arbitrariedades e ilegalidades que promoveu a seguir, o governo tornou inevitável a politização da greve. No início o sentimento antigovernista era difuso e materializava-se mais na figura de Murilo Macedo. Com o desenrolar dos acontecimentos, a coisa foi ficando mais clara: "O responsável é todo este regime de fome — disse João Batista, do Grupo dos 15. É preciso um novo regime, democrático e do povo".

Os grevistas resolveram topar a parada, colocar o governo de joelhos junto

com o patronato. Nas assembleias, apesar da vizinhança incômoda da PM, a peãozada soltou-se mais, exprimindo nas palavras de ordem improvisadas o que vai no seu coração: "Liberdade!", "A praça é do povo!", "Maluf é ladrão", "Abaixo a intervenção", "Abaixo a repressão", "Aço aço aço, Macedo é um palhaço!", "O Brasil é nosso!". E quando passa o helicóptero do Exército é que os ânimos se acendem, os punhos cerrados se erguem e os gritos ganham força: "Aço aço aço, tem cachorro no espaço!", "Tomara que caia!"

Uma luta de todo o povo

Nem mesmo as qualidades excepcionais do grande proletariado industrial do ABC bastariam para enfrentar assim de frente o governo repressivo e autoritário, se não fosse a maré da solidariedade operária, popular e democrática. Depois da intervenção, sobretudo, a greve passou a ter uma forte retaguarda, que se estende a partir dos bairros onde moram os metalúrgicos até os lugares mais longínquos do país e mesmo no plano internacional. A greve transformou-se numa causa sentida de todo o povo, que torce e trabalha para levá-la à vitória.

Direção coletiva

Na mesma medida em que ganhava amplitude, o movimento se aprofundou. Convém lembrar que no ano passado, quando houve a intervenção, a greve passou por uma crise de direção. "Nós estamos parecendo órfãos!", comentava na época um grevista.

Pois desta vez houve não só intervenção como a prisão de Lula e

todos os diretores mais expressivos do Sindicato. Em seguida foi preso também o "Alemãozinho", a figura de maior prestígio fora da diretoria. O renome dos líderes presos cresceu mais ainda e sua ausência naturalmente é sentida. Mas ninguém ficou órfão. O "Grupo dos 15", eleito expressamente para isto entre os delegados de empresa mais destacados, assumiu o comando da greve. E tem se mostrado à altura da tarefa, exercendo uma direção coletiva e de unidade.

Ligado ao "Grupo dos 15" funciona o "Comitê Amplo", formado pelos representantes de empresa. Atualmente ele reúne menos ativistas que no início — a dureza das tarefas terminou peenirando os mais dedicados. Por outro lado, seu papel ganhou relevo. No começo o Comitê tratava apenas de questões de segunda ordem, enquanto a condução da greve ficava concentrada nas mãos da diretoria. Agora o Comitê passou a influir diretamente na condução do movimento. É ele que garante a ligação entre os "15", constringidos a uma atuação semiclandestina, e o grosso da categoria.

Organização na luta

Em torno deste núcleo agrupa-se uma vasta camada de ativistas, piqueteiros e responsáveis pelo Fundo de Greve. É gente formada nas greves dos dois últimos anos, na sua grande maioria jovens e em boa parte mulheres. Trabalham duro, muito mais do que na fábrica. São a alma viva do movimento. Sem eles a paralisação não se sustentaria nas novas condições impostas pela repressão.

Todo este esquema formou-se em grande parte durante a greve e principalmente depois da intervenção. Foi preciso superar muitas lacunas da preparação, mesmo em São Bernardo, e muitas outras ainda persistem. Mesmo assim, hoje tornou-se possível, por exemplo, distribuir 100 mil boletins no prazo recorde de três horas. O segredo da rapidez está na qualidade de voluntários, que pegam logo um punhado e se embrenham nos bairros para levar a palavra do Sindicato.

Classe para si

Os bairros operários do ABC e suas redondezas são territórios dos grevistas.



Aquele mesmo pessoal que ia à Vila Euclides agora luta a praça em frente à Matriz.

Ali funcionam os piquetes que param os ônibus das empresas. Ali circulam as informações, organiza-se a solidariedade, escondem-se os líderes. No momento os operários estão longe das empresas enquanto os Sindicatos estão sob intervenção.

Entre as assembleias, o dia-a-dia da greve transcorre no bairro.

Mas já se pode imaginar como será grande o avanço do movimento quando o saldo da greve transferir-se dos bairros para as empresas, onde se localiza o centro nervoso da luta entre o trabalho e o capital. É principalmente nas grandes fábricas que se dá a transformação da classe operária, de classe em si, desconhecadora de sua força, em classe para si, consciente e organizada para a defesa de seus interesses presentes e futuros. As sementes lançadas durante a greve ainda germinarão por muito tempo na Volkswagen, na Ford, na Mercedes etc., efetivando este processo.

Não é a luta final

A greve conseguiu atravessar todo este acidentado mês de abril sem perder o fôlego. É uma batalha que já tem seu lugar reservado na história do movimento operário brasileiro, ao lado das grandes greves gerais de 1917 e 1953, pois é esta a sua envergadura.

Numa batalha sempre há perdas, de ambos os lados. Mas enquanto o governo sofre perdas políticas irremediáveis, as dos operários serão transitórias.

Qual será o desfecho?

Esta batalha, apesar de sua importância, ainda não é a decisiva. Dela resultará seguramente uma solução de compromisso. Porém existem compromissos e compromissos, e esta é uma preocupação central dos metalúrgicos do

ABC no momento atual.

Há os compromissos justos e até obrigatórios. Por exemplo, o acordo, em separado, concluído com a Termomecânica, no 12º dia de paralisação. Foi um compromisso aplaudido por toda a categoria, porque atendia a uma boa parte da pauta das reivindicações, dividida a frente unida dos patrões e do governo, dava novo ânimo ao movimento que acabara de ser declarado ilegal.

Mas há também os compromissos prejudiciais, ou mesmo de traição.

Como o que foi acertado pelo pelego Joaquim de Andrade durante a greve dos metalúrgicos da capital paulista, em 1978, concluído pelas costas da categoria e contra sua vontade, visando segurar e não impulsionar o movimento operário.

Ainda agora há quem queira conduzir a greve do ABC a um compromisso prejudicial, de capitulação. É fato sabido que no momento mesmo em que Murilo Macedo assinava a intervenção nos Sindicatos de Santo André e São Bernardo uma delegação da "Unidade sindical" achava-se no Ministério do Trabalho, para negociar, sem a autorização dos grevistas, um acordo deste tipo.

A esperança do povo

Neste 1º de Maio, em que a greve dos metalúrgicos completa um mês, os olhos do povo brasileiro estão voltados para o ABC. É o que o líder sindical de Monlevade, João Pires, exprimiu quando declarou à Tribuna: "É uma questão de resistência: de um lado, os interesses legítimos dos trabalhadores; de outro, a posição espúria de um governo ilegítimo".

O Brasil deve muito ao movimento operário do ABC. E neste momento espera muito dele".



Pouco antes de sua prisão, "Alemão", ao lado de Osmar e Batista.

Tribuna da Luta Operária

Apoio internacional: uma ajuda efetiva

A greve dos metalúrgicos do ABC repercute em todo o mundo. Causa entusiasmo e desperta a solidariedade dos operários e dos povos que, ao mesmo tempo, se enchem de indignação contra os atos repressivos do regime militar. Sentimentos que se transformam em ações concretas e combativas. Em Paris centenas de trabalhadores e democratas fizeram uma manifestação em frente à embaixada do Brasil. Milhares de cartas de protesto estão chegando à embaixada. Programa-se um carnaval cuja renda reverterá para o Fundo de Greve. A Confederação Francesa do Trabalho publicou um comunicado denunciando "o caráter antidemocrático e repressivo do regime brasileiro".

O Partido Socialista, da França, e o Partido Trabalhista, da Inglaterra, manifestaram seu protesto ao governo brasileiro. Na Espanha 19 entidades criaram um comitê especial de apoio à greve e a União Geral dos Trabalhadores enviou telegramas de protesto às autoridades brasileiras. A Federação dos Metalúrgicos das Comissões Operárias solicitou uma audiência com o embaixador do Brasil.

De Genebra, Suíça, a Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas enviou telegrama de protesto ao general Figueiredo. A Federação dos Metalúrgicos da Itália apresentou "saudação e solidariedade aos corajosos dirigentes sindicais destituídos e aos heróicos trabalhadores em luta" e protestou contra a repressão dizendo que "essa medida manifesta mais claramente a ambigüidade da assim chamada abertura democrática".

Douglas Fraser, presidente da União dos Trabalhadores na Indústria Automobilística dos Estados Unidos, também enviou telegrama de protesto a Figueiredo e exigiu a libertação dos líderes sindicais. Também as Federações de Metalúrgicos da França, Bélgica, Holanda e Portugal se manifestaram.

Carlos Luis Custer, representante da Confederação Latino-Americana de Trabalhadores e da Confederação Mundial dos Trabalhadores, que tem sede em Bruxelas, Bélgica, compareceu a uma das assembleias em São Bernardo e discursou apoiando a greve, sendo muito aplaudido quando disse: "Todos os trabalhadores do ABC devem ter a certeza de que os trabalhadores do mundo inteiro estão voltados para a solidariedade a eles. Todos aqui devem levar a luta até o fim porque o que reivindicam é a democracia política e a democracia econômica neste país".

Estes são alguns exemplos significativos das manifestações de solidariedade internacional que ocorreram em grande número, enviadas a inúmeros sindicatos e entidades democráticas e populares, muitas das quais o próprio comando de greve ainda não recolheu para divulgá-las organizadamente. Duas coisas, porém, se pode afirmar: jamais antes uma greve operária no Brasil recebeu tanta manifestação de solidariedade internacional. E o regime militar poucas vezes foi tão repudiado pelos povos e esteve tão isolado internacionalmente como neste momento. Desta forma, a atitude generosa dos operários e dos outros povos se transforma em apoio efetivo à luta dos metalúrgicos paulistas.

A classe operária é uma só

Os trabalhadores dos outros países solidarizam-se com a greve dos metalúrgicos do ABC porque ela faz parte da luta dos operários de todo o mundo contra a escravidão capitalista.

Neste 1º de Maio, dia internacional dos trabalhadores, em suas manifestações os operários de todo o mundo estão lembrando a greve dos metalúrgicos do ABC e manifestando sua solidariedade a ela. Isto porque, além de ser uma luta que diz respeito a todos os trabalhadores brasileiros, essa grande greve de um mês faz também parte da luta de todos os operários do mundo por sua emancipação da escravidão capitalista.

Fruto do capitalismo

Esta solidariedade é fruto direto e inevitável do capitalismo. No seu desenvolvimento, o capital passa por cima das fronteiras nacionais, subjuga continentes inteiros às metrópoles imperialistas, cria um sistema mundial único de exploração. Sua forma mais acabada é a chamada empresa multinacional, que explora centenas de milhares de operários espalhados por dezenas de países.

Sob o império das multinacionais milhões de proletários do Brasil ou da Alemanha, dos Estados Unidos ou da Coreia, do Egito, União Soviética ou China trabalham para os mesmos patrões. Ao contrário da burguesia, eternamente dividida pela concorrência,

o proletariado só tem a ganhar com sua união em plano mundial.

Primeiro a classe

Isto explica por que os operários norte-americanos e alemães, por exemplo, estão com os grevistas do ABC, e não com os capitalistas da Ford e da Volkswagen. O sentido de classe fala mais alto que as distinções de língua, raça ou nacionalidade.

A reação se escandaliza com esta idéia, mas é a realidade que impõe a constatação: na sociedade contemporânea, acima das diferenças nacionais está a oposição maior entre o mundo do trabalho e o do capital.

Patriotismo e Internacionalismo

Isto não significa que a classe operária não tenha sentimentos nacionais. Pelo contrário, ela é a principal depositária das melhores tradições patrióticas dos povos. É a burguesia que arriou a bandeira da independência nacional. Quantos capitalistas e governantes de países dependentes não atraçaram suas pátrias, vendendo-se aos monopólios estrangeiros? Quantas potências imperialistas não espelham todos os dias as nações "aliadas" mais débeis?

Não existe conflito entre o patriotismo e o internacionalismo proletário. O

patriotismo é unir-se à nação explorada contra o explorador estrangeiro. O internacionalismo é somar-se aos explorados de todo o mundo contra os exploradores de todas as bandeiras. É patriótica a greve do ABC contra as multinacionais do automóvel. É internacionalista o incentivo aos grevistas da parte dos operários norte-americanos, alemães, japoneses, etc., mesmo contra "suas" burguesias. É um dever internacionalista, por exemplo, transformar em ação solidária a grande simpatia dos operários brasileiros pela luta de seus companheiros do Irã.

Uma grande força

Na luta para emancipar-se, os operários têm um trunfo valioso — o número. Mas o número só pesa na balança quando está unido pelo entendimento e guiado pela consciência. Quando a classe combate ombro a ombro, como um só homem, multiplica suas forças. Quando se divide, é castigada pela derrota. É o que mostra a experiência das lutas em cada empresa, em cada categoria, ao nível nacional e também internacional.

Por isso o movimento operário, desde os seus primeiros passos há mais de um século, escreveu em suas bandeiras, com letras de fogo: "Proletários de todos os países, uni-vos!"